

Fábio e Júlia consultam uma mulher que diz prever o futuro, enquanto Nívia e seus amigos tramam um plano para roubar o gabarito do Enem. Silas contraria a vontade dos pais ao trocar o Direito pelo Teatro, ao passo que Natan se perde em devaneios durante um momento de tédio. Maria precisa lidar com as emoções intergalácticas de uma paixão proibida, e Falanda, com os sentimentos angustiantes da depressão. O pai de Kadu não entende por que o menino se apegou a uma boneca, Neto não entende por que a avó não visualiza suas mensagens e Yuri não entende por que Nádia não responde aos flertes dele. Soma-se a isso uma releitura bem tropicalista do País das Maravilhas, a exploração a um parque de memórias abandonado, o último desejo de um garoto com osteossarcoma, a agressividade de um pai alcoólatra, a ingenuidade de um menino de rua e um acidente em plena véspera de Natal. Para saber de fato o sabor de todas as histórias, só devorando estes *Espinafres*.

João Paulo Hergesel

espinafres

João Paulo Hergesel

espinafres

VENDA PROIBIDA
TIRAGEM ESPECIAL PEGAÍ LEITURA GRÁTIS

VENCEDOR
do Prêmio João do Rio
União Brasileira de Escritores
1.º lugar | Edição 2019



Te lucazu
dições

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



PATROCÍNIO DE PAPEL



miolo



capa

RECURSOS DA CAMPANHA:

Transforme seu cupom
sem CPF em Leitura!



Te

Espinafres

João Paulo Hergesel

Espinafres

2.^a edição

Tiragem especial para o Instituto Pegaí Leitura Grátis
Ponta Grossa, PR – 2023

Telucazu Edições
Jundiaí, SP

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP

2023

© do texto: João Paulo Hergesel, 2019

© da edição: Telucazu & Jogo de Palavras, 2019

Título original: Aquele aroma de algodão-doce

Coordenação editorial: André Kondo

Assistência editorial: Lilly Araújo

Arte de capa: Conrado Dittrich

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

H545e

Hergesel, João Paulo

Espinafres / João Paulo Hergesel. – 2. ed. – Alumínio/SP:
Jogo de Palavras, Jundiaí/SP: Telucazu Edições, 2023.

112 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-85-69708-36-0

1. Conto. 2. Literatura brasileira. I. Hergesel, João Paulo.
II. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático

I. Conto : Literatura brasileira

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição são reservados a:

TelUCAZU Edições
www.telUCAZU.com

Editora JOGO DE PALAVRAS
www.jogodepalavras.com

Sumário

| | |
|---|----|
| Morrerei no Dia das Bruxas | 7 |
| Descobri as respostas do Enem..... | 11 |
| Milk-shake de amora | 18 |
| Boxe de orangotangos | 35 |
| Nos confins da Cochinchina | 38 |
| Falanda | 51 |
| Espinafres em fá bemol | 57 |
| Pra Mim | 64 |
| Boca de lobo | 70 |
| Cacos de argila branca..... | 73 |
| Alcântara 33.0..... | 76 |
| O pisca-pisca | 87 |
| Toque de vó..... | 89 |
| Partícula de diamante..... | 95 |
| Oi, catraca! Você se lembra de mim? | 99 |

Morrerei no Dia das Bruxas

Morrerei no Dia das Bruxas. Quem me disse isso foi uma vidente que não costuma errar. Ela é adepta da iridomancia, que eu não sabia o que era até a Júlia me explicar:

– É um método de adivinhação pela íris.

O cliente arregala o olho, e ela diz quais são os caminhos que devem se abrir nos próximos dias. É hábito da Júlia marcar uma consulta com ela sempre que a vida fica embaçada. Mas dessa vez, ela cismou que me queria junto.

– Mas eu nem acredito nessas coisas!

– Ora, Fábio! Vamos, pelo menos para me fazer companhia.

Bobo que sou pela Júlia, aceitei e fui. Minha intenção era assumir a função de batata-frita e ficar somente de acompanhante, ouvindo a senhora descrever que minha amiga arrumaria um estágio, que ganharia um presente inesquecível, que adotaria um cachorro encontrado na rua.



Mantive o olhar estático, cético que demonstrava ser, até a senhora frisar nas minhas íris e falar:

– Filho, o que é que você tem feito da vida?

A apelação não iria me corromper, eu já havia me preparado para isso. Respondi com uma chacoalhada de ombros. Ela colocou as mãos sob meu queixo, puxou meu rosto para mais próximo do dela e me encarou profundamente, falando em desespero:

– Mas você é tão jovem... Como pode? Pobrezinho!

Confesso que o tom de voz que ela utilizava passou a me preocupar, mas mantive minha decisão de não me render à curiosidade. Júlia, no entanto, não tinha feito promessas para si própria e perguntou:

– O que você vê no futuro dele?

– Nada! – a senhora respondeu, como um tapa na cara bem dolorido.

Cheguei a esboçar um sorriso, considerando que meu ceticismo era tão grande que havia bloqueado os dons da vidente. Entretanto, ela prosseguiu com sua fala:



– Parece não existir futuro para esse garoto. É como se uma barreira de vidro impedisse minha leitura. É como se...

– Se...? – abri a boca, já sem controle da ansiedade.

– Como se você fosse morrer na virada do mês.

Estávamos em outubro e, pela obviedade impressa, minha vida finalizaria às 23h59 do dia 31. Morrerei no Dia das Bruxas, aos 15 anos, 75 quilos e nenhum beijo na boca. Fazia tempo que um Halloween não parecia tão assustador para mim.

Procurei não acreditar muito nisso e julgar que tudo não passou de uma maneira de me provocar. Mas então vi Júlia se tornando estagiária de um escritório de contabilidade, vi o smartphone novo que ela ganhou dos pais e vi quando Pulga saiu da sarjeta para morar com ela.

É 30 de outubro e já não sei mais a quem recorrer. Devo voltar à mulher das adivinhações e dizer: “Velha, me salva!”? Devo contar à minha família e virar motivo de risos para uns e de preocupação para outros? Devo arrancar os olhos com as próprias mãos para que eles não definam mais nada dos meus dias? Abraço-me à Júlia.

– Calma, Fábio! Ela pode ter errado.

– Mas não foi você mesma que disse que ela nunca erra?

– Sempre há uma primeira vez.

Sempre há uma primeira vez para morrer. Primeira e única. Nenhuma gostosura. A maior das travessuras. Sinto as lágrimas embaçarem minha visão.

– Por favor, Fábio, não chora senão eu choro junto.

– Não tô chorando – eu me resguardo. – É só minha lente que está coçando.

– Lente?

Desde que os óculos passaram a marcar demais a ponte do nariz, resolvi usar lentes de contato: são mais práticas, mais leves e ninguém percebe que sou míope. Mas Júlia percebeu o imbróglio:

– Por acaso você tirou as lentes quando ela leu sua íris?

Resgato, na memória, as palavras da senhora: “É como se uma barreira de vidro impedisse minha leitura”. Suspiro e sorriso aliviado. O acrílico oftalmológico havia salvado minha vida.

Descobri as respostas do Enem

Descobri as respostas do Enem. Do Exame Nacional do Ensino Médio mesmo. O teste com 190 perguntas mais a redação. Consegui até acesso ao tema da redação e a um modelo de nota mil. Com todo aquele gabarito em mãos, alguns dias antes da prova, seria fácil conquistar uma nota capaz de me colocar em um curso de Medicina Veterinária e me tornar a garota pela qual a família se orgulharia.

Minha mãe, no entanto, não ajudou em nada, entrando no meu quarto e me fazendo despertar desse sonho tão cremoso. Já eram 6 da manhã, hora do banho para a escola. E de ouvir mamãe falar: “Você já tem 17 anos, Nívia! Deveria ser mais responsável, ativar o despertador, acordar sozinha”, seguido do clássico “porque no meu tempo...”, que já se tornou atemporal.

Antes da primeira aula, enquanto tentava encontrar uma chave mental que mantivesse minhas pálpebras abertas, comentei o sonho com as amigas. Foi o suficiente para Gabriela gaguejar:

– E se a ge-gente procura-rasse uma fo-forma de hackear o site do gove-verno?

Mesmo com o problema na fala, geralmente era fácil compreender o que Gabi dizia. Nesse caso, no entanto, a ideia foi tão fora da realidade que pensei ter entendido errado. Mas Flávia rebateu:

– Nem se a gente fosse a versão feminina e adolescente do Mark Zuckerberg.

– O professor de informática disse que sou boa
– Alessandra se gabou.

– O Geraldo só disse isso porque você dá em cima dele – Taciana ironizou.

A partir de então, a conversa se tornou um festival de teses e contra-argumentações que, se fossem transcritas em prosa, seriam uma excelente dissertação. Gabi mandou um “e se a gente tentasse?”, ao que Flá replicou com “nem sabemos se o gabarito está na nuvem”. Alê soltou um “mas eu poderia tentar alguns códigos” e foi driblada pelo “seríamos pegas e punidas por crime virtual” de Taci.

Eu até cheguei a falar de camuflar IP, usar navegador anônimo, bloquear os comandos de *upload...*, mesmo sem saber muito bem o que isso tudo significava. Quem ficou sem dizer nada, ouvindo tudo desde o início foi o Felipe.

Há uma cláusula no regulamento das amizades femininas que garante que, para cada grupo formado por cinco meninas, um menino pode estar presente para fazer companhia. Mas também há o parágrafo único: se ele for heterossexual, não poderá ficar com nenhuma das meninas, para evitar abalos na amizade.

Felipe era o menino do nosso grupo e, mesmo que já tenha arrancado alguns suspiros de mim e me feito imaginar a frase “Nívia e Felipe” inscrita em uma aliança de compromisso, se mantém sem trocar saliva com nós cinco. Ele, então, abriu a boca para falar de gráficas, assunto que dominava porque o pai dele era dono de uma.

– Por que vocês estão pensando só no arquivo digital se a prova do Enem também está no papel? Vocês sabiam que o governo faz licitações periodicamente para selecionar a gráfica que ficará responsável pelas impressões?

Ninguém estava interessada em saber do processo licitatório e da burocracia governamental que havia por trás do exame. Mas Taci era a única com coragem de interromper:

– Tá louco, Felipe? O que é que isso tem a ver com o que estamos querendo?

– Tem a ver que vocês nem imaginam qual foi a gráfica que ganhou a cotação.

Quando ele contou que o pai dele tinha assinado contrato com o Ministério da Educação, a gente arregalou os olhos e eu até quebrei nosso acordo de irmandade, dando um selinho que ele não recusou. Entretanto, ele foi claro: ouviu que as provas já haviam sido encaminhadas para a distribuição; mas o protótipo deveria estar em algum lugar da empresa, possivelmente trancado em cofre.

– A ordem foi segurança máxima, para que não houvesse furto ou extravio, como em anos anteriores.

Gabi até se decepcionou:

– Então fu-fu-fu...

– Não “fu-fu-fu” nada! – Flá se intrometeu. – Agora até me animei. Vamos armar um esquema para entrar lá. Você é filho do dono, ninguém vai desconfiar.

– Não é bem assim, meninas... – Felipe se resguardou. – Eu nem devia ter contado isso. Aliás, eu nem devia estar sabendo disso. É assunto confidencial, entre meu pai e poucos funcionários. Escutei porque sou bisbilhoteiro.

Estávamos a poucos dias da primeira parte da prova, a pressão simplesmente nos fazia ter pesadelos e, se havia alguma chance de garantir a nota máxima, lutaríamos por ela. Cabulamos a aula de matemática para esquematizar o processo de invasão à gráfica durante a noite.

O plano era o seguinte: pela tarde, eu iria com o Fê conversar com o pai dele na gráfica e, supostamente, esqueceria meu celular em algum canto da sala. À noite, quando o homem já estivesse indo dormir, o Fê falaria que liguei desesperada na casa dele por causa do celular. Para que o pai não precisasse ir até a empresa, o Fê pediria a chave e diria que não teria perigo porque o vigia estaria lá. Ele, então, sairia de casa, encontraria com a Alê no meio do caminho e iriam juntos para a gráfica. Lá, ela se encarregaria de distrair o vigia, para que ele não acompanhasse o Fê, que vasculharia os arquivos do setor de produção até achar o protótipo da prova.

Taci pensou em tudo praticamente sozinha. Quando o Fê perguntou o que aconteceria se ele não topasse, ela apresentou a consequência com uma ênfase: “Meto-lhe um chute no saco!”. Para evitar a dor

real – que deveria ser mais intensa que a imaginada –, ele topou.

Fiz tudo como combinado e já era quase meia-noite quando recebi uma mensagem da Alê: “Em mãos”. Senti até um frio quente na espinha, contradição formada pela alegria de termos realizado uma façanha épica e pelo peso na consciência de estarmos sabotando a maior prova do Brasil. Mal consegui dormir, e quando minha mãe apareceu para me acordar, eu já estava pronta.

Cheguei à escola bem antes da primeira aula e me deparei com a Taci e com a Gabi lá, tão ansiosas quanto eu. Logo a Flá e o Fê chegaram. E então a Alê, com um sorriso torto da orelha direita à metade da bochecha esquerda. Fomos para um canto mais reservado e ela tirou da mochila a pasta, com a capa escrita em caneta piloto: ENEM.

– Você já abriu? – perguntei.

– Não – ela respondeu. – Quero compartilhar a emoção com vocês. Todas juntas.

E então ela tirou de dentro o protótipo, a folha original que serviu como molde para a impressão das demais. A figura de Santo Expedito, ao lado da oração

para as causas urgentes. No cabeçalho, a discriminação do material: “Expedito (Núcleo Eclesiástico) – Milheiro”. ENEM. Lemos a oração em voz alta e ficamos absolvidos do pecado.

Milk-shake de amora

Os dedos dançavam um cossaco destrambelhado pela tela do celular quando o sol mandou um feixe de luz estratégico. Numa lasca de segundo, deslizou na direção da câmera frontal e replicou em arco-íris pelo rosto de Nádia. Uma contração involuntária tentou proteger os olhos, que desviaram para ver de quem vinha a voz.

– É um espectro.

– Tá me chamando de fantasma?

– Não. Um espectro ótico. Quando a luz branca bate no vidro polido, ela se reparte em cores. É física.

– Falou o Albert Einstein.

– Foi Isaac Newton, na verdade.

O garoto talvez ainda não houvesse chegado à época da vacina antitetânica. Ou talvez já fosse um recém-debutante. Os pelos de um futuro bigode, que se esforçavam para sair da derme, denunciavam sua puberdade em auge, mas não entregavam a idade exata.

A menina ficou admirando-o por três segundos vírgula quatorze centésimos. Parecia tentar encontrar nele o valor finito de pi. Mas os cálculos do olhar se traduziram em verbalização quando ele explicou quem era.

– Yuri. Da sala ao lado.

Claramente havia algum desvio de informações: o sorriso que fazia Nádia se esquecer de responder às mensagens que chegavam se atropelando com a vibração do celular não podia pertencer ao mesmo cara impopular que ela evitava pelos corredores do colégio.

– Yuri – ele repetia. – Como o do russo Gagarin, primeiro homem a ir ao espaço. Ou o de outro russo, Lotman, estudioso das linguagens e da literatura.

A Rússia completa, com seus 17 milhões de quilômetros quadrados, despencou sobre a cabeça de Nádia. Sem o uniforme, sem os livros, sem a atmosfera escolar, algo interessante despertava em Yuri. Talvez, apenas em uma pincelada de talvez, fosse justo cumprimentar.

– Oi. Nádia.

– Eu sei. Você tá andando sozinha?

A resposta não saiu da boca, mas do banheiro masculino. Victor enrolou a namorada em um abraço e a levou para longe dali, rompendo qualquer possibilidade de despedida ou chance de aproximação.

– Por que nem visualizou minhas mensagens?

– Por que você me manda mensagens quando tá no banheiro?

– Não consigo ficar longe de você.

O beijo que veio em seguida foi para marcar o início dos 78 minutos que o casal passaria na fila da montanha-russa.

O cabelo de Yuri não gostava de andar espetado. Os ombros de Yuri não gostavam de ficar à mostra. As pernas de Yuri não gostavam de tomar sol. Mas se a pomada modeladora se unia à camiseta sem mangas e à bermuda naquele dia, era por que Nádia precisava perceber que, por baixo da lona *nerd*, um coração fazia malabarismos.

– Esquece a mina. Ela não é pra você.

– Se eu tivesse pelo menos 1% da popularidade que aquele Victor tem, eu teria meu futuro garantido.

– Se o Victor tivesse pelo menos 1% da inteligência que você tem, ele é que teria o futuro garantido.

Pombo era o melhor amigo. Ninguém sabia ao certo o porquê do apelido, pois, quando chegou à escola, já arrulhava esse codinome. Mas ele tinha certeza de sua missão: ajudar Yuri a beijar pela primeira vez.

– Você já tem 15 anos e não deu nem um selinho ainda.

– Ah, tô esperando a garota certa. Eu acho.

– Ei, essas coisas você não espera; você vai à procura.

Eles já haviam conversado sobre isso: já que iriam a um parque de diversões, com direito a balada no fim do dia, Yuri trocava salivas com alguém. Ou seria Pombo mesmo que meteria o bico nos lábios do amigo, honrando a bissexualidade que mantinha sob discrição.

– Tá bem. E o que você me sugere?

– Beijo depois do sorvete. Fica mais geladinho e...

– O que você sugere que eu faça para ficar com alguém?!

Na mentalidade de Pombo era bastante simples: bastaria visualizar a pessoa em quem se tem interesse, chegar até ela e perguntar se ela também se interessa. Se sim, sim; se não, era só ir atrás de algum sim.

Mas pela inexperiência de Yuri, o amigo achou melhor romantizar a cena e voaram até a roda-gigante. Uma troca de saliva nas alturas poderia ter um significado especial.

Tábata e Lúcia eram amigas de Sirena, mas achavam esquisito o interesse dela pelos brinquedos aquáticos. Passear de boia pelo rio artificial e se chocar contra a água em um trenzinho pareciam atrações para crianças; as três não haviam se metido em uma excursão vinda do litoral para perder tempo com essas atividades. Mas Sirena soava totalmente eufórica com a ideia de se molhar.

– Nessa você vai sozinha, amiga.

– A gente espera você perto da barraquinha de algodão-doce.

Tábata bamboleava em paradoxos: julgava infantilidades e listava montes de dietas, mas não abria mão das guloseimas. Sirena consentiu, decidindo usar os cachos louros para arrumar amizade na fila.

– Ué, você já tá molhado antes de andar no brinquedo?

Yuri enrubesceu. Espatifar-se numa piscina era a estratégia encontrada para evitar o acidente que lhe encharcou a bermuda na roda-gigante. Não conhecia seu lado acrofóbico, nem imaginava que o medo de altura lhe faria perder o controle da urina.

– O idiota sentou na grama úmida.

A desculpa de Pombo colou. Yuri sentiu que devia a seu salva-vidas uma diária no parque aquático nas férias de dezembro. Duas diárias: Pombo lhe dizia, de forma telepática, que a menina deveria estar a fim dele, que não iniciaria a conversa à toa. Yuri tentou engatar o papo:

– Você vem sempre aqui?

A pergunta afogou as possibilidades de investida. Pombo precisou assumir a situação.

– Ele quer saber, na verdade, se você é daqui mesmo, da cidade.

– Não sou. Moro na praia.

– Tecnicamente... – Yuri interrompeu. – Você mora em uma cidade litorânea. Só moraria na praia se fosse um crustáceo.

O desconforto de Sirena era visível nos cachos que se encrespavam.

– Ou uma sereia – Pombo corrigia. – Você poderia ser uma sereia.

– Sereia? – ela ria. – Serei A, serei B, serei C, serei o alfabeto todo se quiser. Mas metade peixe é forçar a barra.

– Você tem algo contra os animais? – brincou Pombo, pouco antes de se apresentar.

Os dois seguiram conversando e Yuri ficou na frente, como um peixe fora d'água. Quando a vez do trio chegou, ele se virou para saber se Pombo preferia o carrinho da frente ou um mais para o fundo. Mas o amigo já estava se molhando nos lábios macios de Sirena.

A primeira a avistar o garoto bonito foi Tábata, mas foi Lúcia quem deu a ideia de chegarem juntas até ele. Seria mais adequado que ele escolhesse qual das duas poderia lhe ser uma companhia do que as amigas duelarem entre si por causa de homem.

– Oi... A gente tava ali vendo você e pensando...

– Prefere uva ou limão?

As meninas chupavam picolé dos referidos sabores e faziam a oferta ao jovem. Ele sorriu e coçou a cabeça, alegando ser uma difícil decisão: poderia dar uma mordida no de limão e uma lambidinha no de uva, sem preconceito com as cítricas.

– E se eu falar que sou fã de salada de fruta?

Somando superior e inferior, seis lábios se colidiram num encontro pouco convencional e de encaixe tortuoso. Os sorvetes escorriam derretidos pelos dedos das garotas, que congelaram com o berro responsável pela interrupção do beijo triplo.

– Que palhaçada é essa, Victor?!

Nada justificaria a cena vista por Nádia, que serviu de justificativa para a decisão de esbofetear o rosto do namorado traidor. A dupla feminina achou

melhor sair de mansinho e deixar que o casal se deleitasse a sós com crise.

Sirena curti Pombo, que gostava de Yuri, que se encantava por Nádía, que era apaixonada por Victor, que queria Tábata e Lúcia, que não amavam ninguém. E nesse falsete de quadrilha nada drummondiana, o sol se punha.

Nas mãos fechadas em punho, Nádía concentrava sua força de vontade em não derramar lágrimas, mas a falta que iria sentir do cafajeste que lhe havia colocado uma aliança prateada no dedo era muita.

Poucos metros de distância, Yuri avistou a razão de seu amor platônico isolada e deu um toque para Pombo. Ao tocar o ombro de Nádía, recebeu um “sai daqui” ao qual teve coragem de não obedecer.

– Posso ser seu amigo, pelo menos agora?

– Você não liga. Mal me conhece.

Ele ligava e bem conhecia. Havia passado os últimos anos preenchendo seus olhos com a figura da garota quando possível; e, quando não, a memória

cumpria a missão de projetar na mente tal imagem – em movimento, de diferentes ângulos, com sonorização e efeito tridimensional.

– Foi o Victor – ela revelou, rendendo-se à necessidade do desabafo. – Ele tava beijando outras meninas.

Era constrangedor para Yuri saber que outros caras tinham tanta facilidade para trocar salivas com as garotas, enquanto ele continuava com os lábios sem serem tocados, a não ser pelo próprio braço, nos treinos que fazia escondido antes de dormir.

Por outro lado, a traição de Victor expandia o nível de esperança em Yuri. Fragilizada, Nádia podia se entregar àquele que lhe fosse gentil ou querer uma vingança, beijando o primeiro humano do sexo masculino que lhe passasse na frente. Yuri era macho e cheio de gentilezas, serviria para o papel.

Equilibrando contentamento e compaixão, o garoto poupou as palavras e optou apenas por se sentar ali, ao lado, como um cão que acompanha o dono entristecido. Nádia também se juntou à mudez, mas não recusou o consolo; encostou sua cabeça no ombro dele e deixou que o choro fizesse o que teria que fazer.

E os dedos de Yuri afagavam a face afogada em lágrimas.

Ele ainda tinha um par de ingressos para o túnel do amor.

As gargalhadas loucas de Tábata e as caretas efusivas de Lúcia despertaram a curiosidade intrigada de Sirena. Era muito substantivo abstrato adjetivado para ficar sem explicação. E as amigas, que não tinham motivo para esconder, contaram a aventura de meio segundo que prometia ser história para uma vida e meia.

Antes que os cachos louros se arrepiassem num comentário mesclando nojo e admiração negativa, Sirena percebeu que um rapaz corria na direção delas. Não deu tempo de perguntar se era arrastão.

– Oi, Victor – Lúcia arrastou o “r” sem muito entusiasmo.

– Será que a gente podia conversar sobre o que aconteceu?

Tábata foi esperta e se aproveitou do banheiro mais próximo. Entrou puxando Sirena junto. Lúcia ficou sozinha com o gato e um novelo cheio de nós impossíveis de serem desatados.

– Não aconteceu nada – ela tentou concluir.

A insistência de Victor, no entanto, era maior. Eles poderiam pelo menos trocar os telefones e, quem sabe, algumas fotos secretas depois. Ele havia prejudicado o namoro por causa dela, afinal de contas.

– Não tenho culpa – Lúcia desembuchava – se você quis botar chifres na sua namorada.

Uma galera gritou no *looping* ali perto.

– Eu nem gosto de garotos – ela matou o touro.

– Você tá ficando doida? Por que me puxou pra cá?

O desnorteio de Sirena se transformava em raiva. Mas Tábata tentou explicar: era o tal menino do beijo triplo. A amiga somente balançou a cabeça para os lados, sem demonstrar se concordava com a fuga ou

se julgava a situação como motivo para prisão perpétua.

– Meninas?

A voz foi reconhecida pelos ouvidos de mar. Sirena sentiu na ponta da língua o sabor da língua de Pombo assim que assimilou a vibração das palavras.

– O que você tá fazendo aqui? – ela perguntou abobalhada.

– O que vocês estão fazendo aqui? – ele devolveu a pergunta.

Elas olharam em volta. Os mictórios pareciam acenar.

– Vocês estão no banheiro masculino – ele riu.

Para evitar que algum segurança entrasse ali para arrancá-las à força, os três decidiram continuar a conversa na lanchonete.

Na lanchonete, Nádia e Yuri assistiam à chegada da Lua em quarto-crescente, que se posicionava

estrategicamente sobre o chapéu mexicano. *Sombrero* prateado que girava em sentido anti-horário.

– Acho que eu vomito se for ali – ela confessou, já sem soluções.

– Ainda mais depois de tomar esse milk-shake de amora – ele refrescou, como se as piadas fossem a solução.

O duo adolescente conversava sobre fases lunares e frutas vermelhas. E eles se davam muito bem. E se davam muito. E se davam bem. E se davam. E se. E se Yuri aproximasse os lábios só um pouquinho dos dela, podia sentir o aroma da amora, queria saber o sabor do sorvete.

– Qual é mesmo o gosto do seu? – ela perguntou.

– Doce de leite. Quer provar?

Ela inclinou a cabeça para que o canudinho se encaixasse entre os dentes e sugou um gole.

– Uau, é bem doce.

Ele consentiu com um sorriso no canto da boca. Ela replicou com um olhar úmido. Ficaram se encarando para ver quem tomaria a coragem primeiro.

O coração de Yuri ia se agitando, como num milk-shake de emoções. Vontade de perder o BV. Desejo de beijar a Nádia. Ansiedade em saber como é ter outra boca dentro da sua. Animação em poder contar tudo para o Pombo depois. Medo de alguma coisa dar errado. Mas controle, controle por saber que a biologia juvenil se encarregaria de guiá-lo nesse momento.

Os lábios foram se conhecendo devagar: a pele dele, sem cosméticos, sentiu a cremosidade do *gloss* de cereja dela; lambuzaram-se suavemente; a umidade da boca dela se conectou ao frescor da boca dele; e em movimentos delicados, um beijo molhado, gelado e docinho se concretizou.

Lúcia tinha conseguido se reencontrar com Tábata e Sirena, que estavam na companhia de Pombo, quando se dirigiam à lanchonete. O combinado era que o local serviria de ponto de encontro para os excursionistas. De longe, Sirena viu o fenômeno que acontecia na mesa 26 e comentou:

– Pombo, aquele não é seu amigo *nerd*?

Tábata também tinha o que comentar:

– Lúcia, aquela não é a chifruda?

Os quatro ficaram admirando a cena em silêncio.

– Beijo depois do sorvete – Pombo descreveu. –
Do jeito que eu sugeri.

– Você ensina para os outros e não faz comigo?
– Sirena ousou.

O casal improvisado deu um beijo de despedida; dali a poucos minutos, ela voltaria ao litoral, e ele ficaria a ver navios. A atmosfera de romantismo despertou a coragem de Lúcia, que se assumiu para Tábata.

– Tudo bem pra você?

– É você que tem que estar bem – a amiga tranquilizou. – Não é isso que vai mudar nossa irmandade, sua boba!

Aos poucos, os brinquedos foram se deslizando, um a um, e os alto-falantes tocaram o hino do

parque, anunciando seu fechamento. Yuri e Nádia estavam em ônibus separados, eram de turmas diferentes.

– A gente se encontra amanhã... No colégio?

Ela se manteve em silêncio e subiu no veículo. Victor já estava à sua espera e à espera de seu perdão. Nádia não teria por que recusar, já que estavam quites. Yuri poderia seguir para a *friendzone*.

Boxe de orangotangos

A primeira leitura foi do livro do Gênesis. Do capítulo sobre a Arca de Noé. O padre frisou bem o versículo a respeito do desrespeito do homem. Deus queria acabar com os homens, pois eles eram maus; mas teve compaixão de Noé e o orientou a construir um grande barco para abrigar sua família e um casal de cada espécie dos animais. Os orangotangos estavam na arca, e eu não parava de pensar em como seria uma luta entre eles, um boxe de orangotangos. Pelo que dizem, os macacos sobem no ringue e jogam comida para os bichos todas as vezes que eles golpeiam o adversário. A plateia deduz que o de calção vermelho vai se arrebentar primeiro e aposta no de calção azul. É ilegal, é cruel, é lamentável, é comum em Bangkok. Bangkok é a capital da Tailândia, um país que fica no continente asiático e é o quinquagésimo maior do mundo em extensão territorial. Brasil é o quinto. Mas onde moro está longe de ser a quinta ou a quinquagésima maior cidade brasileira. São Roque é, no máximo, uma das 29 estâncias turísticas do Estado de São Paulo e mais conhecida por ser a cidade do vinho. Vinho é uma bebida alcoólica feita com o sumo

da uva e que é estudado pela enologia; para estudar somente a uva, existe a viticultura. Enologia e viticultura, no entanto, fazem parte do mesmo curso universitário. Não há muitas universidades aqui na região, mas nem me preocupo com isso agora porque ainda tenho 13 anos. Em números romanos, eu teria XIII. Em português, a interjeição “xiii” quer dizer que alguma coisa deu errada. Fazer 13 anos foi uma das coisas erradas que me aconteceram e não deram para evitar. Muita coisa acontece e não dá para evitar. Ter pelos nas pernas é uma delas. Basta ir de bermuda para a escola que aparece alguém escondido para dar um puxão e matar de susto e de dor. Mais de dor do que de susto. Alguns meninos encontram a solução para isso indo de calça até nos dias de muito calor; outros se depilam. A depilação masculina ainda é um tabu, exceto entre os atletas. Os nadadores se depilam para o corpo deslizar melhor na água, enquanto os jogadores de futebol se depilam para facilitar o tratamento de hematomas nas canelas. Lutadores de MMA provavelmente se depilam para os adversários não aplicarem um golpe baixo e puxarem os pelos um do outro. Os orangotangos, até onde eu sei, não se depilam. Eu não sou orangotango, mas também não me depilo – porque não jogo futebol seriamente nem pratico natação. Mas

encaro uma luta--livre com o filho da mãe que vier me puxar o pelo. Só não ligo se for a Júlia. A Júlia não faz com maldade, sinto isso. Tanto que, quando eu engulo o grito, ela passa a mão e pede: “Desculpa, Natan”. Natan é um palíndromo. Palíndromos são palavras que também podem ser lidas de trás para a frente. Quando é domingo de manhã, e minha mãe me acorda, e eu pergunto o motivo, ela começa com um palíndromo: “Assim, Natan...”. E eu logo entendo: “Natan, missa!”. Nasci numa família católica e venho me mantendo nessa religião, como mais de 60% de brasileiros e menos de 0,5% de tailandeses. A cidade em que moro tem nome de um santo católico. O vinho fabricado na cidade é utilizado nas celebrações católicas. Só não sei se o padre se depila ou se pensa em orangotangos. Sei que ele nos mandou ir em paz – e que Deus nos acompanhe! – antes de imaginar orangotangos dançando tango.

Nos confins da Cochinchina

Livremente inspirado em *Alice no País das Maravilhas*.

Já estava cansada de ficar sentada na cama, abraçando o travesseiro e deixando as lágrimas rolar pela face. Tentei enxugá-las na franha, mas a capa impermeável impediu. “De que me adianta ter um travesseiro”, eu pensava, “se nem posso enxugar minhas lágrimas nele?”.

Tomada pela melancolia, por causa de uma briga idiota com o meu namorado, eu me perguntava se aquele canalha e traidor era merecedor de tamanho sofrimento. Encontrar uma resposta, porém, era praticamente impossível no momento. Minha única vontade era a de dormir intensamente e acordar apenas quando meus problemas já estivessem resolvidos.

As lágrimas não cessavam e, mesmo com a vista embaçada, enxerguei que ao meu lado estava o ridículo mico-leão-dourado de pelúcia que havia ganhado como presente de aniversário dele. Irritada e com vontade unicamente de afastar todas as lembranças do cretino e ordinário, peguei o bicho pelo rabo e o arremessei com toda a força contra a parede.

Essa sensação de maltratar alguém, ainda que alguém irreal, não amenizou o meu estresse; ao contrário, fez minha consciência pesar – mas não por muito tempo. O mico-leão pareceu adquirir vida: ficou sobre dois pés, sacudiu a poeira do corpo e, balançando a juba ruiva, correu para debaixo da cama.

Fiquei em estado de choque. Quem em mim se atrevesse a tocar se eletrizaria. No entanto, eu não podia deixar aquele acontecimento passar em branco; eu precisava descobrir o que é que o mico faria.

Engatinhei até a cama e mergulhei naquela escuridão empoeirada. Jamais tinha imaginado que o espaço ali era tão amplo. Só estando embaixo de uma cama para saber como o lugar é espaçoso.

Continuei engatinhando e tossindo por causa da poeira acumulada que parecia aumentar a cada centímetro que eu adentrava. Tudo estava num negrume total e eu, inocentemente, caí na armadilha de um buraco oculto e imprevisto. Quando dei por mim, estava descendo até onde nem fazia ideia.

A queda acontecia lentamente. Decerto, eu caía em direção contrária ao vento, pois me sentia tão leve e vagarosa ao despencar. Eu ia descendo, descendo.

“Puxa! Agora eu sei como se sente um óvulo menstruado”, pensei.

Mente de adolescente é tão criativa e perversa. O mais assustador foi que a criatividade e a perversão estavam além da minha imaginação. Bastou que eu fizesse a asquerosa comparação que pousei tranquilamente num cheiroso e aconchegante absorvente branquinho tamanho família.

Levantei e fiquei diante de um longo e escuro corredor, do qual não conseguia ver o fim. No chão, o início de uma amarelinha. De repente, a voz conhecida de um cantor baiano.

— Oxente, Alice! Sê bem-vinda ao jogo. As regras, tu já conheces, mas vale lembrar a mais importante, que é “não pises na linha”.

— O que acontece se eu pisar?

— Boooooa pergunta! Se pisas na linha, vai estragá-la, e a amarelinha se tornará apenas *amare*.

Não pareceu uma coisa muito significativa. Isso me deixou despreocupada, porém senti que havia algo mais por trás dessa facilidade. Perguntei o que aconteceria comigo se a amarelinha se transformasse em *amare*.

— Boooooa pergunta! *Amare* é “amar” em italiano, portanto, se pisas na linha, tu te sentirás incendiada pelo fogo do amor.

A consequência explícita — receber amor — era um bom motivo para eu pisar propositalmente na linha. Antes de eu começar o jogo, porém, um livro surgiu misteriosamente em minhas mãos. Era uma coletânea de um poeta chamado Mamões. Abri em uma página e me deparei com um poema que falava justamente sobre o amor e o fogo:

Amor é fogo que arde na mulher.

É ferida que dói mesmo com Merthiolate.

É um contentamento por chocolate.

É dor que desabrocha na Praça da Sé.

Voltei a refletir sobre como agiria ou deixaria de agir e, inesperadamente, minha gargantilha rebentou, gerando um clima de mistério e caindo com exatidão sobre a linha do primeiro quadro. Não demorou a que uma chama imensa brotasse do chão e queimasse totalmente a indefesa bijuteria. Compreendi, com um

exemplo a meio centímetro de mim, que eu seria incendiada, no sentido denotativo, se errasse o passo.

— Boooooa sorte! — a voz gritou, pouco antes das luzes se acenderem e revelarem um corredor indefinível. No chão, a amarelinha se seguia até perder-se no horizonte.

Comecei a pular cautelosamente, sem saber aonde iria parar.

Cada quadro recebia um número, assim como toda amarelinha. Cheguei exausta ao número 100 e tive de ficar equilibrada num pé só. O desenho havia terminado, ou melhor, estava seguido de um imenso retângulo quadriculado, como um tabuleiro de xadrez.

— O que faço agora? Se eu pular no retângulo, é certo que pisarei em alguma linha.

— Boooooa incineração! — e finalizou com uma risada maléfica digna das meias-irmãs da Cinderela.

Suportei o máximo que pude apoiada na perna direita, mas quando ela começou a formigar, não teve mais jeito: fui obrigada a saltar. Minha esperança era conseguir atravessar o retângulo, então joguei meu corpo com todo o impulso possível para frente, mas,

antes de eu cruzar o traço final, caí sobre mais de dez linhas que faziam zigue-zague.

Ao redor, o fogo surgiu do chão. Comecei a suar antes mesmo de sentir o calor. Não havia para onde fugir, o fogo estava se alastrando rápido demais, eu já estava a um passo de ser consumida pelas chamas.

Não houve dor, não senti meu corpo aquecer, nem percebi cheiro de queimado. Uma chuva de prata caiu repentinamente e apagou todo o fogo. Além de não ser chamuscada, ainda fiquei prateada. Após limpar meu rosto que estava como uma moeda de cinquenta centavos, abri os olhos e fiquei cara a cara com três portas coloridas. Elas tinham cores de frutas tropicais: uma era vermelha como melancia; outra era amarela como banana; outra, verde como kiwi.

A primeira porta estava trancada. “Vermelho simboliza *pare*”, pensei. “É melhor eu tentar a segunda porta; por ser amarela, talvez tenha algo em que eu deva prestar atenção”. Abri a segunda porta e me deparei com uma lagarta que, ironicamente, usava uma gravata-borboleta no pescoço. Isso lhe dava um ar de alto garbo e elegância e sugeria que ela era macho.

Aproximei da lagarta e, de repente, uma luz se acendeu. Percebi que estava em um palco, a alma cheirando talco, e ao meu redor havia uma plateia. Quando pude me dar conta do que estava acontecendo, toda atenção já estava direcionada a mim — eu havia me tornado a protagonista de uma peça teatral.

ALICE: Oi. Você sabe onde eu estou?

LAGARTA: Na Cochinchina, oras.

ALICE: Você sabe, então, por que é que eu não consigo *me achar* nesse mundo?

LAGARTA: Adolescentes são assim: não conseguem se encontrar.

ALICE: Mas, no meu caso, não se trata de um problema da idade. Tem acontecido alguma coisa que não sei como explicar.

LAGARTA: Poupe-me de seu blá-blá-blá e solete o alfabeto. Vamos ver o que acontece.

ALICE: O.k.: a, b, c, e, f, g... a, b, c, e... a, b, c, e... a, b, c, e... Por que não consigo soletrar a letra *d*?

LAGARTA: Talvez ela tenha se cansado de ficar com você. Mas veja pelo lado bom: você viverá sem dores, drogas ou discórdias.

ALICE: E Deus? Como viverei sem Deus?

LAGARTA: Não se preocupe. Apenas o *d* minúsculo se afastou; garanto que seu *D* maiúsculo continua na ativa. Por que você não soletra o alfabeto em maiúsculo?

ALICE: A, B, C, D, F, G... A, B, C, D, F, G... Ah, não! Agora perdi meu *E* maiúsculo.

LAGARTA: Relaxe! Ele provavelmente está junto ao seu *d* minúsculo.

ALICE: Afinal, onde eles estão?

LAGARTA: Garanto que estão no Ed.

ALICE: Que Ed?

LAGARTA: Eu. Prazer. Sou Ed, a lagarta que você abandonou na infância.

ALICE: Como eu poderia ter abandonado você, se nunca tive uma lagarta quando criança.

LAGARTA: Todos têm uma lagarta quando criança.

ALICE: Eu não tive.

LAGARTA: Ah, teve!

ALICE: Não tive.

LAGARTA: Teve!

ALICE: Não tive! Ponto final.

LAGARTA: Pula uma linha, parágrafo, travessão. Teve, sim!

ALICE: Se tive, por que é que não me lembro de ter tido?

LAGARTA: Ninguém lembra que teve. Na verdade, ninguém sabe que teve, mas que teve, teve.

ALICE: O.k.! Então tive. Só que, além de não ter percebido que tinha, não percebi também que abandonei.

LAGARTA: Todos abandonam. Ninguém percebe que abandona, mas que abandona, abandona.

ALICE: Explique melhor.

LAGARTA: Toda criança tem uma lagarta de seis patas dentro de si. Cada pata representa uma característica boa do ser: ingenuidade, sinceridade, bondade, lealdade, simplicidade e outros-dades. Ao se tornar adolescente, a pessoa aprende a mentir, passa a ter malícia, deixa de ser humilde... A lagarta perde as patas aos poucos e se transforma numa borboleta que faz o jovem sentir vontade de voar.

ALICE: Mas eu não perdi todas essas qualidades... Eu ainda tenho algo da minha infância.

LAGARTA: Se é assim, então por que não recita alguma cantiga infantil?

ALICE: É pra já!

*Ciranda, cirandinha,
Pirulito que já bateu,
Papai foi pra roça
Mas o gato não morreu.*

LAGARTA: *(estala a língua, som de “tsc, tsc, tsc”).*

ALICE: Quer dizer, então, que agora tenho uma borboleta dentro de mim?

LAGARTA: Sim. Agora você tem a Edna. Ela ficará alguns anos com você, até você abandoná-la.

ALICE: Também a abandonarei? Quando?

LAGARTA: Quando você morrer.

ALICE: Ai, que horror!

LAGARTA: Por que *horror*? Todo mundo morre. Alguns fingem que não morrem, mas que morrem, morrem.

ALICE: Então, quando eu morrer, não viverá mais nenhum inseto dentro de mim?

LAGARTA: Teoricamente, não. Mas, na prática, seu corpo ficará com algo que tem um nome que é derivado de Edna.

ALICE: Que algo?

LAGARTA: Nada.

ALICE: Pode contar.

LAGARTA: Já contei.

ALICE: Contou nada.

LAGARTA: Mas é isso: nada é o algo.

ALICE: O algo é nada?

LAGARTA: Isso, nada.

ALICE: Mesmo assim tem nome?

LAGARTA: Tem.

ALICE: Como se chamará?

LAGARTA: Ednada.

Dito isso, Ed bocejou bem grande e engoliu a si próprio. A plateia aplaudiu de pé. Eu saí correndo, de volta ao ponto de partida.

Olhava para a terceira porta, a verde, e torcia para que não tivesse algo muito maluco atrás dela. Quando abri, meus ouvidos latejaram com o som alto de pandeiros sendo batucados com força. Não se tratava de uma roda de samba, mas de um desfile de carnaval.

Em cada ala, uma espécie de bicho: onça-pintada, lobo-guará, arara-azul... até meu mico-leão-dourado estava lá, numa ala própria para micos-leões-dourados. Enquanto o país pensa que eles correm risco de extinção, na verdade eles se escondem para carnavalesar em qualquer época do ano.

Tapando as orelhas com a mão, tentei atravessar o desfile para ver se encontrava uma saída, mas não vi nada de relevante: apenas uma parede coberta com folhas de bananeira. O mico-leão-dourado, vendo meu desespero, correu até mim para me ajudar.

— A cortina.

— Que cortina?

— Vá até aquela cortina — e apontou para as folhas de bananeira — e diga as palavras mágicas.

Antes que eu pudesse perguntar quais eram as palavras mágicas, ele já havia voltado ao desfile.

Obediente às ordens de um mico-leão, fui para trás das folhas que ele prefere chamar de cortina e peguei um papel que estava dobrado perto de meus pés. Li o texto em voz alta:

C ansei desse lugar

O usado e agora quero

R etornar à minha casa.

T udo voltará ao seu

I ndicado lugar

N aturalmente,

A ssim que eu piscar.

De repente, olhei em volta e percebi estar deitada no chão do quarto. Meio zozona, levantei e entendi que um desmaio provocou tais alucinações. Prometi a mim mesma que não me estressaria mais por causa de homem, sorri para o mico-leão-dourado que saía de debaixo da cama e fui para a cozinha para beber um pouco de água.

Falanda

Iolanda já tinha quase 60 anos quando se sentiu taquicárdica à espera de sua primeira neta. Estava ao lado de Fátima, avó de cinco, mas enxaquecosa com a chegada da filha de seu menino caçula. Esse “garotinho” de 25 anos tentava controlar a gastrite nervosa e sorria uma pseudotranquilidade para mãe e sogra. Quando Falanda nasceu, fundindo o nome das avós, o pai soube que ela seria várias.

Seu primeiro namorado começou a perceber isso quando, nas indecisões adolescentes, a jovem parecia querer abraço sem aperto, beijo sem saliva, sexo sem toque. Eram diferentes estilos do TOC, que, se micromanifestado, fazia o coração se contorcer, a cabeça explodir e o estômago autopulverizar. Quando Falanda cresceu, despertando essa indesejável herança orgânica, o psiquiatra cismou que tinha o antídoto.

A escola, entretanto, adoecia o tratamento médico: eram demais as emoções derivadas de sua turma, com mais de 40 atitudes espontâneas concomitantes. Tentava se concentrar nos professores, jurava que tentava!, mas a overdose de frases infinitas transpassava

os processos labirínticos dos ouvidos e produzia um eco craniano espiralado. Quando Falanda enlouqueceu, levou ao banheiro um segredo em forma de estilete.

Quando Falanda abriu os olhos, sentiu os dedos do pai arrumando sua franja suada e notou estar em um quarto de hospital. Lembrava por que tinha os pulsos enfaixados e se julgou culpada pelas lágrimas que embaçavam as íris paternas.

– Desculpa.

Quem disse foi o homem que, recém-completadas quatro décadas de vida, atribuía para si as responsabilidades. A pelo corte dérmico da menina. A pelo abandono materno. A pelo carinho costumeiramente negado. Apelos de amor-próprio que o chicoteavam mentalmente por tê-la proibido de ir ao show do cantor sertanejo, de não lhe oferecer uma festa de debutante luxuosa, de não a matricular em outra escola enquanto havia tempo.

– Desculpa eu.

Os lábios da garota se tornaram beijos após pronunciarem a frase, e a água que salgava seu rosto sensabor mesclava o amargor de desespero por si, a

doçura de compaixão pelo pai e o azedume de arrependimento pelo ato. Quando Falanda deu razão à vida, não reclamou por precisar ficar as 72 horas em observação.

Um livro de poemas simbolistas lhe fez companhia. O quarto foi tomado pelo sonho imergindo-se na realidade, pelo misticismo embalando os sentimentos, pela sonoridade bem ritmada dos versos. E enquanto se envolvia numa trajetória sem retorno pelo mundo do intimismo e das intuições, tropeçou no corpo frio e úmido de Ismália.

Ismália, a garota que sonhava debruçada na torre. Ismália, a que queria alcançar a lua que a admirava. Ismália, que se perdeu nos próprios devaneios. Ismália, de Alphonsus de Guimaraens.

Quando Falanda viu que Ismália era exatamente como ela, pensou que talvez pudesse ser uma reencarnação dessa personagem fictícia. Mas não entendeu que motivo teria levado Ismália a se matar: um amor não correspondido? Uma traição desvelada? Uma enfermidade hereditária? Ou apenas o desejo de estar perto de Deus? As indagações não se responderam sozinhas, e a visita entrou sem indagar.

Os doutores da alegria adentraram o quarto com os narizes de palhaço e as perucas coloridas. Quiseram saber o que aquela menina bonita-com-cara-de-cabrita fazia na cama de um hospital, e Falanda exterminou a graça ao dizer que tentou se matar após fazerem piada com ela. O homem dos balões decidiu ir embora, mas a moça de rosto pintado tirou um cartão de visita dos meiões e disse que as artes poderiam ajudar.

Quando Falanda se apresentou no grupo de teatro, não questionou sua escolha espontânea pela oficina de *clown*. Talvez pudesse ser uma palhaça triste, do nariz preto e da peruca penteada. Talvez conseguisse encenar uma versão circense de Ismália, mesclando tragédia e comédia numa linguagem estritamente visual. Mas percebeu que precisava cumprir etapas, e o desafio inicial era adaptar uma personagem shakesperiana.

Cogitou aproveitar a Julieta – ela morre no final! –, mas precisava fugir de seus lugares-comuns e reinventar seus onzes de março. Queria injetar anilina no cotidiano, colorir-se com o zigue-zague narrativo de uma personagem complexa, e Désirée sugeriu:

– Faz a Ofélia.

Désirée tinha anos de experiência nas artes cênicas e parecia uma boa ideia ouvir seu conselho. Passou a noite lendo páginas da Wikipédia e blogs literários, porque o Hamlet original era muito profundo para sua mente perturbada. Mas essa sua busca rasa foi suficiente para descobrir que Ofélia, registrada naturalmente Ophelia, era muito mais Ismália e muito mais Falanda, muito mais a Ofélia que o rio levou.

E os questionamentos de ter sido homicídio ou suicídio?, acidente ou incidente?, causa ou consequência?, desvaneciam na correnteza antipíscea do século XVI. Ofélia poderia ser a primeira encarnação de Ismália, que se reencarnou em Falanda. Mas Ofélia já não era a primogênita, se considerassem Katherine Hamlet, a criatura verídica que pode ter sido a inspiração das demais.

Falanda imergiu-se na possibilidade de ter morrido no Rio Avon, há 50 décadas submarinas, em uma das camadas de vidas espirituais que lhe pertenciam e nas quais nem acreditava. Os registros de que fora desequilíbrio e os rumores de que fora desilusão mesclavam-se configurando o talvez maior mistério literário que a Literatura não tivera tempo de criar – e

por isso recria e recreia os leitores ávidos de melodrama.

A garota dramatizou a Ofélia e, depois dos aplausos de uma apresentação silenciosa, decidiu tatuar poemas sobre as cicatrizes dos pulsos. Quando Falanda entregou-se a um mundo que não era somente dela, soube, em si mesma, que não se permitiria ao desligamento precipitado de sua história.

Espinafres em fá bemol

A tentativa de suicídio de uma aluna durante sua aula foi o tiro que Téo precisava para abandonar de vez a profissão de docente. Havia se graduado em Música para poder aperfeiçoar suas composições e técnicas vocais antes de se lançar no mercado fonográfico, e não para voltar à sala de aula e enlatar seu talento no Ensino Médio. Se ainda lecionava Arte, era justamente para sua conta poupança encontrar o tom certo e permitir que ele se mudasse à capital, a clave das oportunidades.

A experiência como educador, no entanto, não lhe trouxe apenas desafinações, mas também harmonias rítmicas. Uma dessas firulas foi o relacionamento com Silas, prestes a completar 18 anos e com o sonho de se dedicar às Artes Cênicas boicotado pelos pais advogados. O casal o forçava a cursar Direito, mas o rapaz era canhoto às instruções alheias e sentia vontade de seguir a melodia que lhe palpitava em fá bemol. E esse foi o assunto de um almoço escolar no fim do ano letivo.

– Você já é praticamente maior de idade. Espere algumas semanas e venha dividir o apê comigo!

O convite do professor era, ao mesmo tempo, suculento e amargo. Poderia aventurar-se no Teatro, mas antes deveria enfrentar a fúria parental. Precisaria de forças que o espinafre escondido entre os elásticos de queijo não seria capaz de lhe fornecer. Mas limpou os lábios, contornou a orquestra de sentimentos e disse tchau para os pais que não conseguiam compreender a intensidade do processo.

Tomou o ônibus na companhia de *Dom Casmurro*, que já havia gostado na leitura por obrigação e que finalmente leria – “Obrigado!”, disse ao cobrador após receber o troco – por gosto. Era curioso como o fato de Dona Glória ter forçado Bentinho a ir ao Seminário não o impediu de manter seu amor por Capitu. Talvez fosse uma amostra de que não seria preciso se ordenar um religioso do judiciário para ser feliz profissionalmente. Silas adormeceu antes do clímax da suposta traição e acordou no ponto final.

Não fazia ideia de como tinha ido parar na Barra Funda, mas sabia que bastava escolher o metrô certo e chegaria a seu destino. Olhou o mapa da estação: Linha Vermelha, Linha Azul, Linha Verde, Linha

Lilás... Era tudo muito colorido para uma cidade cinza como São Paulo. Pegou o *smartphone* para que o Google Maps o ajudasse a se encontrar, mas perdeu o aparelho para o assaltante que parecia ter saltado de um vagão imaginário e entrado em uma plataforma inexistente, longe da vista dos seguranças.

Silas tocou a campainha do prédio três horas mais tarde, com fome nos ossos, frio na vesícula e centavos na carteira. Quase sem voz para anunciar sua chegada no interfone, agradeceu que havia um elevador para poupar a ginástica elíptica dos degraus e que Téo já estava com a porta aberta, esperando por ele.

– O que aconteceu? Tentei ligar várias vezes, mas seu celular está desligado. Acabou a bateria?

Era evidente que Silas precisava de uma recarga antes de narrar os fatos, capítulo a capítulo, da sua jornada do herói. Foi ao banho para sair e se apresentar à Juliana ainda enrolado na toalha. Ficou envergonhado de exibir o tórax nu a uma morena tão bela. Mas ela estava muito mais preocupada com produção musical do que com abdomes juvenis; voltou a falar com Téo sobre a possível imersão dele na nova MPB.

Enquanto Silas se vestia, a pizza chegou. Juliana havia pedido de espinafre, em respeito à sua dieta

vegetariana. Na fúria da fome, Silas nem percebeu se as bordas estavam recheadas com catupiry ou cheddar – era tudo queijo mesmo, ora bolas. O trio passou algumas horas rindo e tomando vinho até – “Nossa, como está tarde!”, disse a moça – a produtora se despedir do velho amigo e desejar boas-vindas e boa sorte ao novo morador.

– Vocês namoram? – Silas perguntou.

– Ela deve namorar... Mas não sou eu o namorado.

– Vocês ficam bem juntos.

A fala de Silas tinha um alongamento de ciúmes: ele havia ido a São Paulo para dividir o apartamento com Téo, e não para dividir Téo com Juliana. Ou com Júlia, ou com Ana, ou com qualquer outra garota que pudesse se aproximar do seu ex-professor, atual melhor amigo e companheiro de morada. Mas estava com a cabeça cheia, havia passado por emoções demais para um primeiro dia na cidade grande, necessitava saciar o sono melódico.

Dormiu tão pesado que nem conseguiu aprisionar o sonho que lhe fantasiou até as 7 da manhã. Ainda estava abalado com a mudança de casa, mudança de hábitos, mudança de vida. Dava vontade de

chorar e correr para os braços do pai, para o colo da mãe, para aquele alheio desejo constituído do estudo minucioso da Constituição. Precisava de um novo banho: banhos sempre ajustavam os esquetes desalinha- dos de sua opereta amadora.

A água morna pouco embaçava o boxe de vi- dro e permitia que Silas se admirasse no espelho sobre a pia enquanto ensaboava as axilas. Permitia que Silas observasse as gotas se aglomerarem em seu corpo e es- correrem pela pele. Permitia... Téó abriu a porta. Não sabia que o banheiro estava ocupado. Os dois ficaram paralisados por alguns milésimos de segundo, mas – “Dane-se, agora somos amigos”.

Téó dirigiu-se ao vaso enquanto Silas, ainda desconcertado, passava o xampu. Enquanto urinava, Téó descontraiu:

– Bundinha bonita, hein?!

Menos encabulado, Silas arriscou um sorriso, que foi replicado por Téó e logo se tornou riso con- junto, uma cantoria folclórica improvisada, o contrato de cumplicidade firmado por ambas as partes. O choro contido se dissolveu e fugiu com o vapor pela fresta

nunca fechada do basculante. Mas a sensação de angústia retornava após cada encontro da oficina de teatro musical à qual passou a frequentar.

“Falta verdade, falta emoção, falta ritmo, falta” ... Os substantivos abstratos eram infinitos e a vitalidade com que o diretor de cena dizia isso escancarava as feridas no ego. No entanto, os fins de tarde, aos pés da cama de Téó, massageavam cada uma dessas chagas. Eram risos íntimos e confissões sinceras que se entrelaçavam na atmosfera que circundava os dois meninos. Até que Juliana chegasse com gargalhadas escancaradas e novidades para compartilhar.

A atenção de Téó ficava hipnotizada nela: nos lábios de maçã, nos seios de tâmaras, nas curvas bem delineadas do quadril. Era como se essas curvas fossem joias trabalhadas por um artista; se os seios fossem crias gêmeas de uma gazela; se dos lábios escorresse o vinho que Téó ansiava tanto beber. Juliana era a Sulamita dos cânticos do rei Salomão. E Silas podia penetrar nos pensamentos da moça e lê-los, saber que ela desejava a mão esquerda de Téó debaixo da cabeça e a mão direita abraçando-a, enquanto os corpos se juntavam num beijo meloso.

– Tá tudo bem, Silas? – perguntou a voz feminina do trio. – Você parece meio pálido.

– Eu preciso arrumar minhas malas.

As palavras saíram antes que a lágrima gelada pudesse transformar a cena em um melodrama clássico. Mas o susto do companheiro foi inevitável: por que ele voltaria para a casa dos pais, pouco depois de um mês na casa nova? Juliana ficou sozinha na sala enquanto Téo – “Eu só queria saber o que aconteceu” – se juntou ao amigo, que esvaziava o guarda-roupa.

– Eu também, Téo. Eu também.

O beijo que Silas recebeu nos lábios não foi um impedimento para que ele fechasse o zíper e atravessasse a porta levando a bagagem pela alça. Não houve trilha musical nem efeitos de sonoplastia para a despedida. Dias depois, Téo encontrou o livro de Machado de Assis esquecido sobre o criado-mudo, mas àquela altura Silas já lia em outras linguagens.

Pra Mim

O aeroporto era um lugar tão grande para alguém tão pequeno como ele. Aquele monte de tevês, todas falando ao mesmo tempo, anunciando horários de partidas e chegadas. Aquele multidão andando de um lado para o outro, sempre com pressa de se despedir de alguém ou de se reencontrar com o ninguém trazido pela esperança frustrada. Mas ele continuava parado, em silêncio, sentindo-se amarrado pelo olhar responsável da comissária, carregando nas costas uma mochila de super-herói e segurando nas mãos uma boneca de trança loira e vestido rosa.

Os olhos corriam, desordenados, arregalados, assustados. Dava medo aquela solidão. As pessoas continuavam indo e voltando, ioiôs de braços e pernas, sem se importar com a presença minúscula que se mantinha em pé próximo do portão de desembarque. Não abria a boca, mas as sobranceiras denunciavam que ele estava triste – tristeza que não era percebida por ninguém, porque ninguém queria percebê-la/percebê-lo. Parecia que a solidão, o congelamento, a indiferença durariam para sempre, mas o homem de bigode correu até ele.

– Tu tá aí faz tempo? O tráfego tava ruim, teve uma pechada, senão eu chegava antes.

O menino balançou a cabeça que sim, talvez para responder à pergunta do começo, talvez para concordar com a declaração do final. Talvez as duas coisas. Talvez nenhuma delas. Nem as sobrancelhas revelavam. A comissária se despediu com um sorriso cansado, e o homem o ajudou com a mochila.

– E essa boneca aí? Pra quem é?

O menino fez a cara com que já estava, e o homem insistiu:

– Pra quem é a boneca, Kadu? Fala com teu pai!

– PRA MIM – o menino falou de uma vez.

O pai fez que não ouviu, tomou o menino pela mão (a outra ainda segurava a boneca) e o arrastou em direção ao banheiro:

– Vamos mijar que a viagem de volta é longa e não quero ninguém molhando o banco de trás do carro.

Não se importaram que a boneca entrou no banheiro masculino.

Na mesa de jantar, os dois comiam em silêncio, na companhia inusitada da senhorita de tranças loiras e vestido rosa. O pai, ainda incomodado, decidiu perguntar novamente para quem o garoto tinha comprado a boneca. Kadu manteve-se em silêncio, o pai perguntou mais uma vez, Kadu não respondeu. Até que a pergunta foi repetida em tom mais alto, e Kadu explodiu.

– JÁ DISSE! PRA MIM!

O pai ficou nervoso. Pegou a boneca da mesa e a arremessou contra a parede, uma bola de squash envolta em roupinhas de brinquedo. O rosto ficou amassado, uma deformidade que não poderia ser corrigida nem com cirurgia em plástico. Mas Kadu a juntou e, com uma massagem especial que só ele sabia fazer, deu um jeito de disfarçar o dano imerecido.

Ao ver que o filho ainda estava com a boneca, o homem decidiu atirá-la pela janela, no quintal, uma cuspada de unha roída que não se quer engolir. A poça de lama, ótima anfitriã que sempre foi, estava esperando para recebê-la e sujar os cabelos loiros. Mais

uma vez, Kadu foi ao resgate: lavou, secou e penteou a boneca para deixá-la quase que como nova.

Então, o pai jogou a boneca no lixo, como um pedaço de tralha qualquer. O feijão podre, disposto a lhe fazer companhia, passou seu odor para o tecido do corpo e a tornou fedegosa. Mas Kadu borrifou alguns mililitros de perfume para camuflar o cheiro ruim.

Por fim, o pai rasgou a boneca na frente do filho. Fez questão de arrancar os braços e as pernas, re-torcer a cabeça e jogar nos pés do menino que, des-calço, pedia, por favor, para que ele parasse. Não entendia a revolta do pai... Será que gente crescida tem o costume de ser assim quando acontece algo que ninguém espera?

– Vamos ver se agora tu aprende. E para de chorar, senão vai levar uma tunda de laço.

O menino se conteve. Aproveitou quando o pai foi tomar banho e abriu escondido a máquina de costura para pegar de lá uma linha, uma agulha e um tubo de cola. Passou a noite trancado no quarto, remendando o corpo da boneca e colando no tecido os braços, as pernas e a cabeça. Caiu no sono no início da manhã e logo acordou com a voz do pai, áspera, chamando para irem ao cemitério. Com medo de que o

homem machucasse outra vez a loirinha, Kadu a escondeu na mochila de super-herói.

Naquela manhã de inverno gaúcho, lembrou-se da última vez que tinha falado com a mãe, antes de o mandarem para a casa da tia, em São Paulo. Lembrou-se de como a abraçou, envolvendo os braços nos braços dela e apertando o mais forte que conseguia, como se fosse um bebê elefante entrelaçando a tromba na tromba da mamãe elefante. Tinha visto essa cena em Dumbo, se não estava enganado.

– Fica aí que vou acender uma vela no cruzeiro – o pai avisou, interrompendo o reencontro imagético do filho.

Kadu terminou a ave-maria que rezava com as mãos juntas diante do túmulo da mãe. Olhou para a lápide e reconheceu cada sílaba do nome dela. Desviou o olhar para a plaquinha ao lado: “YASMIM – NATIMORTA”. Achou a palavra difícil de ler e estranha demais para ser um segundo nome ou um apelido,

mas não quis pensar muito nisso. Caso se lembrasse, perguntaria ao pai depois.

Sussurrou um santo-anjo-do-senhor para a menina. Fez o sinal da cruz, abriu a mochila e tirou a boneca, já maltratada e sem brilho, que nem dava mais vontade de brincar, e colocou em cima do jazigo. Falou bem baixinho, num segredo de irmãos:

– Mim, lembra quando eu tava com a mão na barriga da mãe, e tu chutou, e a mãe sorriu e disse que ia dar uma bonequinha igual à Cinderela porque tu ia ser uma princesinha? O pai não ouviu porque tava trabalhando, e eu só consegui achar essa aqui, de trança loira e vestido rosa, pra comprar no aeroporto. Não entendi por que o pai ficou tão nervoso quando falei que era pra ti, Mim. Mesmo assim, eu trazi. Desculpa se não é como a mãe prometeu.

Essa conversa, o pai não ouviu, porque estava distante. E Kadu não tinha motivo para contar depois. Preferiu guardar para si as palavras ditas por ele e o beijo gelado que sentiu da irmãzinha em forma de brisa na bochecha.

Boca de lobo

Sáíamos da lanchonete entre falatórios e risadas, e então o vi. Devia ter uns 7 ou 8 anos e estava sentado descalço, com uma regata rasgada e um short sujo, sobre a boca de lobo. Não se importava com a água de esgoto que lhe molhava os pés antes de escorrer ao bueiro. Parei para prestar a atenção nele, mas ele continuava cabisbaixo, imóvel, como uma escultura de arte contemporânea.

– Que aconteceu? – Ouvi de algum lábio que não soube, a princípio, identificar de quem era. – Por que parou de repente?

A pergunta veio da Laura, que aparentemente não conseguia enxergar o menino ao nosso lado. Talvez tivesse algum problema oftalmológico hebiátrico. E fosse contagioso a ponto de ter se alastrado por todo o grupo, menos a mim porque sou imune. Ou o problema era com meus olhos, capazes de enxergar uma miragem.

– Nada, não. Mas que eu curti as luzes que você fez no cabelo, ah!, isso eu curti.

Fui embora convencida de que aquele oásis às avessas não existia. Mas passei o caminho até em casa me sentindo culpada. *E se eu tivesse lhe oferecido um hambúrguer? Ou fritas? Ou simplesmente tivesse lhe perguntado o nome?* Caí num sonho em que lobos me mordiam e mastigavam até eu me transformar em uma estatueta de tripas sem valor.

Obedecendo à minha compaixão instintiva, voltei ao local uma semana depois. Dessa vez, sozinha, sem doenças oculares para me constranger. Esperava ver novamente o garoto com os pés na sarjeta, mas não havia ninguém. Esperei um pouco. E mais um pouco. Passei a tarde toda sentada em frente à lanchonete, na esperança de sorrir para uma criança infeliz e poder, pelo menos, desejar-lhe boa tarde. Ninguém apareceu.

O dia seguinte foi marcado pela minha insistência. E o outro. E o outro. E de outro em outro, resolvi eu própria sentar-me na boca de lobo. Tirei os tênis e as meias, dobrei a barra do jeans e fiz da água morna do esgoto a minha pedicura. Sentia na sola o desconforto de um pequeno morador de rua e, quando estava me cansando desse sentimento insalubre, ouvi um “psiu”.

Ao levantar a cabeça, lá estava ele: o menino que, sem intenção nem ciência, mexia com as emoções alheias. Fitei seus olhos tristes, remelados no canto, mas não tive coragem para lhe sorrir ou desejar boa tarde. Queria muito perguntar como se chamava, onde estavam seus pais, se tinha irmãos, onde dormia...

Mas ele não precisou perguntar meu nome, nem outros detalhes da minha vida. Apenas colocou a mão no bolso de seu short surrado e tirou uma cédula amassada de cinco reais. Os dedos sujos de terra não relutaram em se aproximar de mim e entregar a nota.

Quis dizer que não queria, que era eu quem devia lhe dar algum benefício. Mas, antes que eu conseguisse processar o que acontecia naquele momento, ele repousou o dinheiro no meu colo e saiu brincando de se equilibrar pelo meio-fio, como um protagonista de curta-metragem artístico.

Cacos de argila branca

O barulho do vaso quebrando interrompeu meu sono: *será que ele se machucou?* Levantei num supetão, com o coração remexido e a camisola amassada, para verificar o que acontecia na sala. Ele me encarou com feição raivosa, como quem não queria que eu estivesse vendo a cena. Babava um pouco pelos cantos e tentava conter o sangue da mão cortada pelos cacos de argila branca.

– Pai, tá tudo bem?

Um tapa me jogou no sofá feito louça suja que não dá para lavar. Deitei noutro supetão, com a camisola remexida e o coração amassado. Machucava mais a falta de sensibilidade do que o golpe. Mais o gesto do que o que foi gesticulado. Mais o cheiro de álcool do que o hematoma causado pela pancada. Ele saiu para o quarto e me deixou com a dor e com as lágrimas.

Mantive a posição de feto até amanhecer, encolhida entre almofadas enquanto o cabelo executava a performance de colar no suor do rosto. Os tiquetaques do relógio, descompassados e sem pausa para o

fôlego, latejavam no âmago do cérebro, tal qual marteladas em uma madeira inocente.

– Depois da terceira, a gente se acostuma – contei, na volta da escola, para a Ananda. A Ananda que não se conformava. A Ananda que chorava por se colocar no meu lugar. A Ananda que tinha um pai que não batia nela.

– Você tem que denunciar.

– Esqueceu que somos só eu e ele? Que se ele for preso, vão me colocar num lar para crianças órfãs? Que adolescente num lugar desses atrapalha mais do que um bêbado que espanca a própria filha? E acima de tudo, que ele é o meu pai e eu o amo?

A Ananda que não tinha resposta.

Pouco antes do jantar, ele me ligou gentil, pedindo para que eu não me preocupasse, que ele traria pizza. Sua voz perguntava qual seria o sabor, junto ao barulho do vento e das buzinas que se infiltravam na ligação. Entre a de frango com requeijão e a de calabresa com muçarela, escolhi a meio a meio.

– Com borda recheada, pode ser?

Não me respondeu. Talvez pudesse. Pudesse ser de queijo cheddar, que é mais forte e dá um sabor

azedinho à massa. Ou senão catupiry, que parece ter a maciez de um pedaço de veludo comestível. Talvez não pudesse. Talvez fosse melhor deixar a borda seca, pálida, consistente, feito a argila branca do vaso que um dia existiu.

Eu só queria uma resposta. Um *sim* ou um *não*. Um *quem sabe*. Um *vou ver quanto acrescenta no preço final*. Em vez disso, escutei a batida, um tapa que me jogou no sofá com o coração em cacos. A certeza da não presença era mais flamejante do que a presença intoxicada e agressiva. Eu só queria meu pai em casa.

Alcântara 33.0

Aceitei sem medo o posto de engenheira robótica e a realidade de habitar a Lua. Dos meus 27 anos na Terra, dois terços foram me preparando para isso. Segui na contramão dos conselhos de atuar como administradora de relações intergalácticas e me lancei à incerteza de um dia ser lançada ao espaço, sem previsão de retorno.

Passei por muitos países e continentes ao longo de 18 anos, que representaram: um Ensino Fundamental na Espanha; um Ensino Médio nos Estados Unidos; uma graduação intensa na Suécia; e especializações intensivas na Rússia, na Dinamarca e na Austrália. Mas decidi que a espaçonave que me levaria à nova casa seria do Brasil, pátria que assina minha nacionalidade.

A primeira vez em que senti medo de fato foi quando o cinto da Alcântara 33.0 assegurou que não havia mais volta. Pelas câmeras de segurança do porto de decolagem, vi o olhar preocupado de minha mãe, refletindo a certeza de que nunca mais me veria. A segunda vez foi três anos depois, quando soube, com as mãos sujas de desengripante, que ela havia falecido,

vítima de um mal súbito enquanto dormia. Ao passo que o oficial me notificava, fiquei encarando o óleo nas minhas mãos. Eu estava sozinha para reparar o primeiro foguete digital de Urano, e a máquina estava quebrada em um nível que eu não conseguia dar suporte. Por meses, desde então, fiquei me sentindo culpada por ter trocado minha mãe por um sonho sobre o qual não havia estabilidade de seus efeitos.

A terceira vez em que senti medo... A terceira vez foi agora.

Há uma série de fatos que a população da Terra não sabe sobre a própria Lua. O mais importante, acredito, é que temos a maior estação espacial de todo o Sistema Solar e a terceira maior da Via Láctea. Isso faz com que não só sejamos responsáveis pelo controle do que entra na Terra e do que sai dela, mas também pelas escalas de voos interplanetários e intergalácticos. Moony, além de ser referência a outros astroportos, ainda conta com a maior população de robôs.



Depois de mais de cem anos tendo o russo como idioma principal, Moony vem passando por uma repaginada completa; ninguém esperava que a Dinamarca ganharia a licitação da Organização das Nações Unidas e se tornaria a administradora da base pelas próximas duas décadas.

Já faz oito anos que convivo com comida de astropuerto e tendo os colegas de trabalho como o mais próximo da noção de família. Mas não foi o tempo na empresa que me deu destaque e a função de diretora; há outros engenheiros com mais anos de casa e experiências múltiplas. Assumi o comando por ser a única fluente em dinamarquês.

Comandar Moony em um momento de readaptação não tem sido uma tarefa simpática, sobretudo quando os robôs de atendimento sofrem algum tipo de pane devido à atualização dos sistemas e carecem de intervenção humana. Por outro lado, chegar aos 35 anos carregando no peito um crachá de diretora geral de uma estação espacial lunar tem me rendido, dentre elogios e respeito, biscoitos de polvilho grátis na cafeteria.

Erikka, da Polônia, comemorava o noivado com Johannes, da Alemanha, após três anos e meio dividindo a sala de marketing e 18 meses de namoro. Em Moony, é comum que colegas de trabalho se descubram almas gêmeas, já que a esperança de retorno a seus países de origem antes da aposentadoria é praticamente nula.

Assistia à festa, que acontecia na copa-cozinha, com uma taça de espumante sem álcool na mão. Lembrava-me das vezes em que transei com Johannes e quando ele ainda não pensava em relacionamentos sérios. Quando ele tentou oficializar uma união estável, fui obrigada a esclarecer que, para mim, mais importantes eram os orgasmos que as alianças.

Ouviu-se, então, o alerta de código vermelho: um robô havia se desconectado de sua central de comando e passado a agredir os passageiros na sala de embarque. Qualquer engenheiro capaz de interpretar códigos binários seria capaz de reprogramá-lo, mas preferi respeitar a alegria do momento e disse que eu mesma iria resolver o caso.

Quando morei na Espanha e nos Estados Unidos, os robôs que ajudavam na escola e nos ambientes que eu frequentava dificilmente apresentavam algum problema. Foi somente na faculdade que os robôs suecos eram propositalmente danificados para que pudessemos treinar seus reparos. Mesmo assim, nunca fui afetada pela agressividade de uma inteligência artificial.

Ver o robô 45332b quebrando móveis e ame-drontando os seres vivos foi uma surpresa. Como não havia conexão com o painel de controle, seria necessário reconfigurar no próprio autômato. Em casos extremos, éramos autorizados a destruir as máquinas, mas sempre zelei pelo reparo; portanto, fiquei paralisada por um tempo pensando em como me aproximar.

O robô 45332b era à prova de água e de choques elétricos, o que impedia a utilização de uma estratégia fácil para deixá-lo em curto e sem oferecer perigos. Minha segunda opção era direcionar outros robôs para detê-lo, mas a última cena que eu gostaria que os clientes presenciassem era a de uma traumatizante batalha de autômatos. Então, fui pelo caminho mais nebuloso: o diálogo.

Utilizei os alto-falantes de Moony para comunicar em dinamarquês, novo idioma oficial da estação, e em russo, ao qual a maioria já estava acostumada:

– Sou Maria D., diretora geral desta estação, e peço para que tentem se acalmar, pois já estamos corrigindo as falhas.

A equipe de segurança, também robótica, veio me oferecer apoio, mas fiz sinal de que tudo estava sob controle. O robô 45332b, no entanto, mantinha-se em surto. Foi quando gritei:

– Edward!

Parece tolo, mas sempre acreditei que dar nomes humanos a robôs faz com que eles se sintam mais confortáveis.

– Edward! – repeti. – Sou a Maria D., sua ama. Responda aos meus comandos.

Ele não demonstrou reação à minha voz.

– Edward, concentre-se! Repito. Concentre-se! Seja quem foi feito para ser. Concentre-se!

Os olhares dos passageiros continuavam assustados e os dos demais funcionários mostravam-se incrédulos, como quem ridicularizasse minha atitude. Yuri, da Rússia, que respondia pelo cargo de diretor

antes de mim, chegou aos berros, confrontando minha decisão e com uma arma para destruir Edward e inutilizar as placas e chips do robô 45332b. Enquanto eu tentava impedi-lo, notamos o silêncio: Edward havia se estabilizado.

– Bom garoto! – desabafei para mim mesma, antes de me aproximar de Edward e redefinir sua programação.

– Doutora Maria D. – A robô 04627g, que apelidei carinhosamente de Nika, chamava pelo monitor.

– Pois não, Nika.

– Há um passageiro que deseja vê-la.

Em oito anos de trabalho em Moony, nunca precisei lidar diretamente com o público, pois os robôs sempre se encarregaram disso. No entanto, devido ao ineditismo do convite, pedi para que Nika o acompanhasse até minha sala. Em questão de cinco minutos, o elevador se abriu, Nika deixou o homem no escritório e voltou para a recepção.

– Simpática essa moça – ele disse.

– Ela já trabalha aqui há uns 150 anos – eu disse, enfatizando que se tratava de um autômato, caso ele ainda não tivesse reconhecido.

– Puxa, e ainda não se aposentou?

Ri do sarcasmo do rapaz e perguntei em que poderia ajudar. Ele, primeiramente, sugeriu:

– Prefere falar em português?

– Como você sabe que...

Antes que eu concluísse a nova pergunta, ele fez um sinal tocando o ombro direito. Lembrei-me da bandeira do Brasil bordada em meu uniforme. Em oito anos de trabalho em Moony, foi a primeira vez em que pude sustentar um diálogo em minha língua materna.

– Você também é brasileiro? – questionei com o sotaque maranhense que permaneceu arquivado por tanto tempo em alguma esquina do meu cérebro.

– Não, infelizmente. Sou de Urano, mas conheço algumas línguas da Terra. As diferentes culturas que seu planeta abriga são fascinantes. Queria poder viver 150 anos para conhecer todas elas.

Desde que os terráqueos iniciaram o processo de colonização do Sistema Solar, os planetas foram ganhando suas particularidades e independência.

Urano, mesmo tendo sido um dos últimos planetas a receber tropas norte-americanas para exploração e povoação, devido à sua distância, foi a civilização que mais prosperou ao longo das décadas.

– Vim aqui para agradecer – ele mencionou.

– Agradecer? – eu estava confusa.

Então, ele se apresentou como Ruppie T., o piloto da espaçonave digital que precisou de manutenção cinco anos atrás. Disse que me viu liderando os reparos, mas nunca soube meu nome, até o evento recente com o robô desgovernado.

– Fiquei realmente impressionado com o afeto que você estabelece com as máquinas – ele declarou.

– Talvez eu seja uma – brinquei.

Eu sorri. Ele só riu.

Todas as vezes em que Ruppie T. pousava em Moony, combinávamos de nos encontrar. Geralmente nos víamos em minha sala, onde conversávamos como

adolescentes apaixonados e ele me via devorar biscoitos de polvilho como uma criança encantada pelo sabor. Em uma dessas vezes, fiz o convite:

– Mais cinco minutos, finalizo meu turno e vou para meu quarto. Pode me acompanhar, se quiser.

O uraniano quis. Mas, enquanto eu procurava um preservativo qualquer no criado mudo, ele revelou:

– Não será necessário, Maria. Eu não transmito doenças.

– Sinto muito, Ruppie. Mas para mim é necessário.

– Repito: eu não transmito doenças. Não sou programado para gerar ou expelir fluidos corporais.

Moony parou para mim. A estação sempre agitada e barulhenta parecia ter se distanciado da realidade momentânea que não escolhi viver. Ruppie T. era um robô, e eu estava perdida entre o desejo incontornável de ter uma noite de amor com ele e a ideia de quão errado seria abusar de uma máquina cuja função não era essa.

Na terceira vez em que senti medo, senti também coragem de me render à covardia. No depósito de naves, localizei a Alcântara 33.0, encoberta pela poeira da Lua. Adentrei o ambiente abandonado, porém nunca esquecido, e dei a partida com permissão dos poucos litros de combustível que ainda restavam no veículo. Em questão de segundos, havia me desprendido da crosta de Moony e, minutos depois, encontrava-me flutuando pelo espaço sideral.

Fechei os olhos e adormeci.

O pisca-pisca

Os olhos se abriram, mas o corpo não fez movimento para se levantar. Piscou algumas vezes, fotografando psicologicamente o lugar em que estava. Percebeu, através da janela, o pisca-pisca que contornava o letreiro com o nome do hospital. Queria gritar, chamar alguém, perguntar o que fazia naquele bloco B conhecido como UTI, mas o tubo na garganta a impedia.

A memória, entretanto, funcionava a longo prazo. Ela se lembrava do avião que havia caído na Colômbia e da presidente que foi afastada do comando da República. Mas não se recordava do caminho acelerado que a fez perder seu direito de caminhar, de gesticular, de sorrir novamente.

Ela sabia que tinha se divertido nos últimos meses. Lembrava-se de ter entrado numa disputa com os sobrinhos para fazer as garrafas de água caírem em pé. Lembrava-se de ter ficado imóvel por alguns minutos para um vídeo com a galera da faculdade. Mas não imaginava que o desafio do manequim tomaria proporções tão reais.

As imagens piscavam em sua mente, formando uma mescla de lucidez e blecaute. Ela estava no escritório, trabalhando em véspera de Natal. Ela saiu apressada para comprar o presente da mãe viúva. Ela atravessou a rua sem dar atenção à passarela. Ela não viu o caminhão se aproximando. Ela.

As enfermeiras passaram pelo corredor e notaram os olhos contemplativos. Entraram no quarto checando aparelhos, apertando botões, mexendo em braços, pernas, rosto insensíveis. “Pisque uma vez para sim, duas para não”, pedia a mulher de branco, antes de começar com as perguntas técnicas.

O olhar, no entanto, permanecia parado, observando a fachada do prédio que dobrava a esquina. Eram tão bonitas aquelas luzes natalinas: ora acesas, ora apagadas. Orquestra silenciosa de vaga-lumes artificiais. Ela, então, decidiu piscar no mesmo ritmo, aconchegar-se no bailado claro-escuro das lampadinhas.

Piscou uma. Piscou duas. Piscou três vezes. Não precisou piscar mais. Já havia aceitado o convite para cear ao lado de Jesus.

Toque de vó

– Vó, o sono já apareceu e até o abajur cansou de ficar aceso, mas peguei o celular escondido porque a saudade fica aqui me cutucando... Já faz uma semana que a senhora nem recebe o que eu mando. O que foi que eu fiz pra você cansar de ser minha vó? Foi o copo que quebrei na cozinha aquela vez? Juro que foi sem querer. Volta a falar comigo, vó, por favor!

Mas o áudio do Neto não foi nem entregue.

A vó Guilhermina nunca entendeu bem o tal bicho de metal que o Neto chamava de celular. Tinha antena, fazia barulho e ficava grudado no corpo que nem carrapato brabo, mas não voava, não mordida, nem servia para caçar ratos na lavanderia. A única coisa boa era que não precisava dar ração; bastava colocar o rabo dele na tomada que o bucho ficava cheio.

Quando o Neto pediu um desses de presente no aniversário, a vó foi logo falando:

– No meu tempo, criança brincava era de bola e pião. Tem certeza de que não quer um tabuleiro de damas?

Ele, com certeza, tinha essa certeza. E falou para a vó que no celular cabiam milhões de bolas, milhares de piões, além de que poderia jogar damas com quem estivesse do outro lado do planeta. Mas a vó, que não era boba, ficou meio desconfiada desse papo doido. Mesmo assim, prometeu que iria pensar.

O pensamento veio com mais intensidade quando estavam passeando no shopping. O Neto apontou logo que viu a promoção na loja de eletrônicos: dois pelo preço de um. Poderia ser um sinal de que a vó deveria testar um aparelho estranho daquele também... Imaginou como seria desafiar uma velhinha chinesa para uma partida de damas e sorriu.

Enquanto sorria, percebeu o olhar oleoso do Neto. Conversou com o moço do balcão e quis saber se eles ainda faziam carnês ou se preferiam as notas promissórias. Depois de alguns minutos de explicação, saiu com os celulares e um cartão de crédito da loja.

A animação do Neto para instalar os aplicativos em seu aparelho era grande o suficiente para ajudar a vó a programar os dela.

– Se eu pôr o dedo aqui, vai aparecer receita de bolo?

– Ih, vó! Até do bolo de casamento da princesa da Inglaterra.

A vó Guilhermina percebeu que o bicho de metal era muito fofoqueiro. Mas foi gostando cada vez mais dele e criando intimidade. Não levou uma semana, e ela estava tirando foto no espelho e mandando para o Neto.

Quando o Neto recebeu a imagem da vó Guilhermina, percebeu que as mensagens dela precisavam de um toque personalizado, para diferenciar dos outros contatos. Devia ser um toque único, meio azul-clarinho, com gosto de pipoca caramelada, cheirando a bolinho de chuva, um toque de vó.

Durante meses, todas as vezes que o canto da cotovia saía dos alto-falantes do celular, tinha alguma mensagem da vó chegando. Teve um dia, porém, que a cotovia não cantou quando o Neto voltou da escola.

O pai estava com o olhar oleoso. Até aquele dia, o Neto não sabia que os pais também choravam. Quis saber o que estava acontecendo, e a mãe falou:

– A vó Guilhermina, a mãe do pai, fez uma viagem...

– E quando ela volta?

A mãe disse que ela tinha ido para muito longe, mas tão longe que não era mais possível voltar. Mas o Neto, que não era bobo, ficou meio desconfiado desse papo doido:

– A vó não faria uma viagem sem se despedir de mim.

Correu para o quarto e mandou uma mensagem. Perguntou aonde a vó tinha ido, afinal: a Sorocabá, visitar os primos que moravam no interior? Ao Rio de Janeiro, conhecer a estátua que ficava de braços abertos? Aos Estados Unidos, conhecer a outra estátua, a que ficava de braço para cima? À África, tirar foto com os elefantes?

Mas a vó não respondeu.

Digitou texto, gravou áudio, fez vídeo, enviou arquivo e até compartilhou o contato do menino que emprestou o lápis de cor verde-espinafre para ele na aula de Arte. Mas a vó não respondeu. Pediu chamada de vídeo, tentou chamada de voz, mandou *GIF* e *emojis*. Mas a vó sequer visualizou.

Os dias iam passando, as mensagens iam ficando mais longas.

– Hoje o pai disse que a senhora foi morar em outro mundo... Será que é em Marte? Quando é que vou poder conhecer a sua casa alienígena?

A vó não respondia, mas o Neto não cogitava desistir.

– Hoje a mãe disse que a senhora fica vendo a gente lá do céu... Tenho certeza de que se tornou astronauta! Traz um pedaço da Lua quando voltar?

Por mais que o Neto insistisse, as respostas não vinham. Até que um dia aconteceu: Neto ouviu o canto da cotovia.

Com o coração acelerado, apanhou o celular, mas a tela não trazia novidades. Ouviu o canto uma segunda vez, mas os olhos oleosos continuavam sem ver nada. No terceiro gorjeio, ele teve a ideia de olhar através da janela, e ela estava lá.

A cotovia bicava uma folha do limoeiro entre um canto e outro. Mas, quando o Neto pensou em tirar uma foto, a avezinha subiu num voo ligeiro e infinito até o céu.

Naquele momento, o Neto se sentiu mais leve, pois soube que, estivesse onde estivesse, vó Guilhermina estava bem, livre e feliz, como um pássaro.

Partícula de diamante

Quando o mar me viu pela primeira vez, eu estava de manga comprida. Sabia que algumas pessoas poderiam me julgar como o garoto excêntrico que usa roupa de frio no verão do Guarujá; talvez me condenassem com mais vontade se soubessem das cicatrizes nos braços.

Ocultadas pelo tecido fino da camiseta, as marcas permanentes contavam em braille dérmico a história do adolescente que foi diagnosticado com osteossarcoma aos 12 anos. Que aos 13 soube que a quimioterapia não surtia efeito. Que aos 14 descobriu que a radioterapia também já não lhe seria útil. Que aos 15 passou por tantas cirurgias fracassadas que se cogitava a amputação dos braços. E que aos 16 foi desenganado pelos médicos após constatarem uma metástase que havia atingido os órgãos vitais.

Enquanto minha mãe era socorrida após o desmaio que a notícia lhe havia causado, meu pai olhou penetrantemente para mim e perguntou qual era meu último desejo. As lágrimas pareciam ter se petrificado

diante das pupilas: havia somente uma gota congelada no canto do olho, como uma pequena partícula de diamante que se segurava para não rolar face abaixo. Meu câncer e a certeza de sua fatalidade me impediam de chorar; seria melhor poupar os fluidos corporais para evitar desidratação. Mesmo assim, sentia a turbulência de emoções que meu sistema nervoso tentava controlar. Justamente o garoto que nunca respeitou prazos e chegava atrasado em todos os encontros era o que agora tinha um horário que seria obrigado a obedecer, que o organismo trataria de registrar no livro de ponto da morte. Eu disse que queria conhecer a praia. Foi a única ideia que passou pela minha mente, já entrando em invalidez, depois de tantos anos vendo o mar somente graças às ondas de televisão.

Minha situação era digna de um personagem de John Green, autor que tanto me incentivaram a ler na expectativa de que eu aceitasse com mais facilidade a ideia de uma doença mortal convivendo como um parasita dentro dos meus ossos. O fato é que morar no interior de São Paulo não me ajudava a acreditar na ideia de arrumar uma namorada universitária, nem de

viajar à Holanda antes de escrever meu epílogo. O máximo que consegui foi ganhar um beijo na boca da menina que cuidava da fazenda da tia Iolanda, quando ela soube, pela minha perda de cabelos, que eu precisava perder a pureza dos lábios.

Beijar na boca tem sabor de maresia. Foi a primeira constatação que fiz quando a brisa salgada abraçou meu rosto, que já sentia o hálito do sol guarujaense. Fiquei parado por uns três minutos, apenas observando a felicidade humana condensada num invólucro chamado litoral.

Cogitei ir até o carro e colocar uma sunga, mas decidi que seria melhor apenas molhar os pés. Apoiando com dificuldade os braços nos ombros de meu pai, caminhei até a água; os dedos dos pés, como minhocas, tentavam se esconder na areia úmida. Alguns garotos da minha idade jogavam futevôlei ali perto. *Quem sabe um dia eu saiba a sensação?* Pensei e ri – da aliteração mental e da ironia metida.

As águas tocaram meus pés, rápidas e frias como a vida. Minhas solas não tinham papilas gustativas, mas era como se pudessem saborear o mar. Adentrei até que a profundidade alcançasse os joelhos e não

conseguia parar de sorrir. O sal parecia me temperar de baixo para cima, e a maré me transformava em pedra preciosa. Uma partícula de diamante! Encostei a cabeça no tórax do meu pai, em agradecimento, e o acompanhei enquanto ele atirava minhas cinzas no oceano.

Oi, catraca! Você se lembra de mim?

A internet me mostrou o cadeado ríspido que impedia os portões de ferro de sorrirem novamente. O *zoom* quase me contou a marca, mesmo que isso pouco interessasse diante do fato maior: depois de tanta alegria, a placa que compartilhava as boas-vindas foi substituída por uma faixa caduca de PARQUE FECHADO, em caixa-alta para evidenciar que não se permitiam mais os visitantes. Mas o letreiro de concreto continuava lá, resistente à tensão climática.

Fazia alguns anos que o gigante de diversões anunciara o encerramento das atividades. Desde então, não houve projetos para o espaço: sem novos compradores e sem interesse do antigo dono, o cenário se restringiu à capacidade do esmorecimento. Vez ou outra, surgiam boatos de que ali nasceria um shopping, um aeroporto, um enorme estacionamento não se sabe de quê. Mas não se viam reformas, nem demolições; o cadeado e a faixa permaneciam com a função que lhes foi destinada no último dia em que uma alma humana passeou pelo ambiente.

Aos poucos, a busca por imagens deixava de resultar em fotografias coloridas de pessoas dançando sob os raios de sol e passava a mostrar registros feitos por *drones* enxeridos que rompiam a possibilidade do esquecimento. Viam-se as grades descascadas de filas que já não se formavam. O olho desbotado de um personagem de desenho desanimado. O gramado ressequido acumulando o lixo que o vento lhe trazia de presente. A água esverdeada do chafariz consumido pelo musgo.

Parques abandonados são um fascínio para mim. Há algo que desperta, tão logo os visualizo, uma espécie de energia que parece sucumbir dentre os destroços do imaginário, pedindo para ser resgatada. Um menino que foi colocado para dormir durante a puberdade acorda com saudade das brincadeiras, das corridas até a montanha-russa, da visão em *plongée* proporcionada pela roda-gigante, do frio psicológico nos órgãos internos provocado pela torre de queda livre.

A nostalgia me pedia uma ação, uma visita, uma caminhada pelo desamparo da cidade inventada que, aos poucos, ia deixando de existir. Eu precisava reafirmar o passado em aproximação espacial, ainda que a distância de tempo. Respirar a brisa úmida com

aroma de cloro oriunda do lago artificial, ouvir o grito libertador de alguém que cumpriu o desafio de saltar do *bungee jump*, saborear o beijo na garota desconhecida logo após o sorvete de baunilha.

Arrisquei contato com os responsáveis pelo local, mas os e-mails do *postmaster* informaram a desativação dos endereços. No telefone, a moça simpática repetia que “esse número não existe” a cada tentativa; numa última, o funcionário de um açougue atendeu e me fez pedir desculpas pelo engano. E me fez pedir desculpas mentalmente pela atitude que eu tomaria assim que colocasse uma porção de salada temperada com etanol no estômago do carro.

Quando o GPS comunicou que eu precisava virar a esquina, já conseguia enxergar o portão amarelo que impedia minha entrada no estacionamento. Ventava muito, mas minha pele se arrepiava da sensação proibida de adentrar o parque. Cheguei a querer me esconder dentro de mim mesmo, com medo de que alguém me visse, mas não havia ninguém interessado em ver algo por ali. Deserto de pedra polida.

Após transformar o portão em uma parede de escalada e as vagas para veículos em um extenso

campo de atletismo, fui abraçado pelo calor do pretérito conjugado pelo portal de entrada. Olhei para a catraca e perguntei: “Oi, catraca! Você se lembra de mim?”, e a catraca me respondeu: “Não posso dizer, porque catracas não falam”. Mesmo assim, ela girou, indicando que a ausência de eletricidade impedia seu travamento.

Era possível escutar o quase som de risos silenciados na atmosfera de felicidade melancólica que permeava o local. O parque havia se tornado a casa do oxímoro. Caminhei a rua principal, passando pelas portas do fliperama, que escondiam as máquinas eletrônicas enfileiradas no salão. Talvez eu tivesse jogado *pinball* ou dirigido no simulador automobilístico algum dia, sem dar tanta importância. A reta de paralelepípedos levava às opções de entretenimento para menores.

Fiquei defronte à ala infantil. Ouvi o carrossel me pedindo socorro. Os cavalinhos, presos num haras fantasma, sentiam fome de crianças para ali rodopiarem. Mas os motores já corroídos indicavam que qualquer esforço, mesmo manual, seria sinônimo de desmoronamento. Ao lado, a pista de bate-bate, com seus carrinhos empoeirados, pulverizando as emoções de

quem um dia acelerou na certeza de que alcançaria o amigo.

Senti o rosto esquentar e fui ao banheiro. O escuro da falta de energia não deixava ver além dos micrômetros, mas a réstia de sol, que penetrava esforçadamente através de um caco do vitral, revelava o posicionamento da pia. E o suor enferrujado do cano cuja torneira já havia desistido de pingar. Não ousei me aproximar e esperei até que o corpo equilibrasse automaticamente a temperatura.

Segui para a área dos brinquedos radicais, que já tinham boa parte da madeira apodrecida e serviam de moradia para cupins e joões-de-barro. Finalmente, decidi encarar o *looping*. Ele continuava desafiador, uma gota metálica invertida de trilhos sobreviventes ao envelhecimento. E a memória, a memória, a memória, a memória... As lembranças se regurgitaram de modo espiralado, e o passado se materializou em alta resolução.

Eu comemorava o aniversário de 14 anos. Excursão do colégio. O brinquedo estava em manutenção. Mais de 20 mil pessoas no parque. Aquele aroma de algodão-doce. O brinquedo se mantinha em manutenção. Voltaria a funcionar no fim da tarde, segundo

disse o funcionário. Mais de 30 graus Celsius. Música eletrônica rabiscando o céu aberto. O brinquedo não sairia da manutenção naquele dia, disse o segundo funcionário. As pessoas reclamaram. O serviço de relacionamento chamou o gerente. O sol se punha. O engenheiro mandou liberar. Os visitantes comemoraram formando a fila. Brisa de alegria. Eu entrei com os colegas. 14 anos. Conteí sete rodadas antes da minha vez. Aquela visão do crepúsculo. Conteí sete pessoas entrando no carrinho comigo. Aquela ilustração do opúsculo. Conteí sete cliques na trava de segurança. Não tive como contar os sete metros de altura de onde fui arremessado. Aquele sabor de pipoca.

Os funcionários não checaram a tranca, diziam os promotores. As medidas de ordem técnica eram rigorosamente atendidas, diziam os advogados. A força centrífuga deveria ter me mantido colado ao assento, diziam os físicos. Do muito que foi dito, ficou estabelecido o valor da indenização que seria paga. A apólice não cobria esse tipo de catástrofe, disse a seguradora.

Minha morte no brinquedo foi, então, o nascimento da crise no parque: multa milionária, perda da confiabilidade, afastamento dos patrocinadores, aumento nos custos dos reparos, baixa nas visitasões.

Será que haviam se passado dez anos? A juventude interrompida não se explicava no aspecto adulto que eu sustentava. Teriam sido 12? Nem nos e-mails que eu mandava. Nem nos telefonemas que eu fazia. Nem no carro que eu conduzia. Acho que foram 15. Em casos de desencarne antecipado, diriam os espíritas, o ser não sabe que desencarnou.

Logo mais eu entenderia, confortou a voz vinda de um portal, que, livre de catracas, abriu-se no ar, revelando um novo desfecho para meu parque de diversões.



João Paulo Hergesel

Doutor em Comunicação e com diversos prêmios literários, gosta de espinafre na salada, espinafre com queijo e torta de espinafre. Cresceu assistindo ao Popeye.

Sobre o autor

Nascido em 25 de julho de 1992, **João Paulo Hergesel** é um escritor brasileiro que transita entre Alumínio e Campinas, no interior do Estado de São Paulo. É professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). É doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Dedicar-se à produção literária, especialmente na literatura infantojuvenil, e à pesquisa sobre narrativas, com foco no estudo do estilo. Autor de livros com temáticas diversas e com participações em várias antologias, obteve dezenas de prêmios literários – entre eles: Prêmio por Histórico de Realização em Literatura (Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo), Prêmio Barco a Vapor (Fundação SM), Concurso Monteiro Lobato de Contos Infantis (SESC-DF) e Prêmio Ganymédes José de Literatura Infantil (UBE-RJ).

jp_hergesel@hotmail.com

www.escritorjp.com.br

No meu tempo...

“As lembranças se regurgitaram de modo espiralado, e o passado se materializou em alta resolução”.

Retornei a minha adolescência ao ler as páginas de “Espinafres”. Os medos, as angústias, e os sentimentos confusos voltaram à tona. Mas estes (que pena), num piscar de olhos, foram deixados para trás e esquecidos ao longo dos anos...

Ao viabilizar a impressão de uma tiragem especial do livro “Espinafres”, o **Pegaí** segue com seu intuito de “*aproximar livros sem leitores, de leitores sem livros*”. E aqui focamos em um público que precisa ser incentivado a entrar no universo dos livros, os jovens.

Vamos incentivar a troca das telas pelas páginas dos livros. O autor João Paulo Hergesel faz isso com maestria. Ele traz temas relevantes, que todo adolescente tem em mente: estudos, paixões e confusões. Uma infinidade delas.

Nas páginas de “Espinafres” Hergesel “fala a língua dos jovens”. E quer melhor linguagem para conversar, e vencer, sobre a importância da leitura?

Como na história do Enem, devo destacar que “no meu tempo” as leituras faziam parte do dia a dia. Os livros estavam presentes na maioria das casas. Hoje as telas prevalecem. Mas como disse o menino de 13 anos do “Boxe de Orangotangos”: “Muita coisa acontece e não dá para evitar”.

Mas uma coisa é certa. Nós do **Pegaí** continuaremos incentivando a leitura, em todas as fases da vida!

Para aqueles que tiverem a sorte de escolher “Espinafres” nas *estantes do Pegaí*: uma ótima leitura!

Que esta obra incentive novas leituras.

O Pegai Leitura Grátis

Desde 2013, o *Pegai Leitura Grátis* vem **aproximando livros sem leitores de leitores sem livros**. Como projeto sem fins lucrativos, recebemos doação de obras, e assim disponibilizamos leitura em diversos pontos de todo o Paraná.

Acreditamos que ao disponibilizar livros em lugares 'inusitados', e com a facilidade de “emprestar” sem qualquer cadastro ou prazo, incentivamos cada vez mais a leitura.

Hoje formamos uma verdadeira comunidade de incentivadores. São leitores ajudando leitores. O **Pegai Leitura Grátis** recebe doações de livros tanto de pessoas físicas quanto jurídicas. Mas lembrem-se que os livros devem ser “de ler, e não de estudar”.

Vamos juntos fazer parte desta comunidade e incentivar a leitura?

 /ProjetoPegai
 /pegailleitragratis
contato@pegai.info
www.pegai.info




INSTITUTO
pegai
LEITURA GRÁTIS


2013 - 2023
anos
pegai
LEITURA GRÁTIS

FANTÁSTICA A fábrica de livros

A Fantástica Fábrica de Livros é uma marca simbólica criada pelo Instituto Pegaí Leitura Grátis para uma de suas ações mais fantásticas: a impressão de grandes tiragens de livros.

A partir da união de esforços de vários de nossos parceiros (escritores, ilustradores, editoras, voluntários, indústria gráfica e de papel, além de outras empresas), chegamos ao nosso produto final: histórias para serem saboreadas e consumidas pelos leitores.



Tiragem especial para o Instituto Pegaí Leitura Grátis

Ponta Grossa - PR | Jan-2024

